



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
MESTRADO PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA
DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS**

CLAUDIA CHRYSTINA KOZEMEKIN KATO CORDEIRO DA LUZ

**Aspectos Psicológicos da Conjugalidade: a importância do lúdico como
potencial criativo na terapia de casal**

SANTOS

2024

CLAUDIA CHRYSTINA KOZEMEKIN KATO CORDEIRO DA LUZ

Aspectos Psicológicos da Conjugalidade: a importância do lúdico como potencial criativo na terapia de casal

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional de Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Gestão e Práticas Psicológicas em Políticas Públicas de Saúde e Assistência Social

Orientador: Professor Doutor Hélio Alves

Santos

2024

[Dados Internacionais de Catalogação]
Departamento de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos
Viviane Santos da Silva - CRB 8/6746

L979a Luz, Claudia Chrystina Kozemekin Kato Cordeiro da
Aspectos psicológicos da conjugalidade : a importância
do lúdico como potencial criativo na terapia de casal
/ Claudia Chrystina Kozemekin Kato Cordeiro da Luz
; orientador Hélio Alves. -- 2024.
65 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de
Santos, Programa de Pós-Graduação stricto sensu em
Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas,
2024

Inclui bibliografia

1. Conjugalidade. 2. Potencial criativo. 3. Recursos lúdicos.
4. Absoluto do casal. 5. resolução de conflito. I. Alves, Hélio
- 1951-. II. Título.

CDU: Ed. 1997 -- 159.9(043.3)

LUZ, Cláudia Chrystina K.K.C. **Aspectos Psicológicos da Conjugalidade: a importância do lúdico como potencial criativo na terapia de casal.** 2024. 65p. Dissertação de Mestrado em Psicologia Desenvolvimento e Políticas Públicas. Universidade Católica de Santos.

Banca Examinadora

Prof. Doutor Hélio Alves

Orientador – Membro Nato - Universidade Católica de Santos

Profª Doutora Thalita Lacerda Nobre

Membro Titular - Universidade Católica de Santos

Prof. Doutor Alexander Marques da Silva

Membro Titular - Mitra Diocesana

Para Marcello que, com seu amor, me inspira todos os dias.
Para Bruno e João, nossa inspiração de todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao amor, força maior que me rege, e à fé que sustento todos os dias em Nossa Senhora Aparecida, que me olha lá do céu e do alto da minha estante da sala.

Agradeço à minha amiga Iara Chalela, que foi minha professora, minha supervisora e orientadora na graduação, pelos ensinamentos, pelo carinho, e pelo modelo de mestre e de profissional de psicologia.

Agradeço, com muita emoção e saudades, à querida Professora Bel Calil que me incentivou e me convenceu a participar do processo seletivo para ingressar neste programa de mestrado.

Agradeço aos meus professores da graduação em Psicologia que reencontrei aqui no mestrado, em especial ao meu orientador, Prof. Hélio Alves, que com sua paciência e tranquilidade me ensinou a caminhar por esse percurso.

Não poderia deixar de agradecer aos membros da minha banca, pessoas e profissionais tão especiais para mim. Estou muito feliz e honrada por tê-los aqui! Obrigada!

Gostaria de deixar um agradecimento especial à minha professora do curso de Terapia de Casal lá do IPq, Mestre Carolina Perroni, que me incentivou e me motivou a aplicar os conhecimentos aprendidos com ela, a cada aula que, com muita dedicação, me inspirava ao longo dos sábados e dos domingos de curso.

Muito obrigada a cada um dos meus pacientes, individuais ou casais, que me emocionam todos os dias e que me fazem estudar mais e mais.

Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e bateram com força contra aquela casa, e ela não desabou, porque tinha sido construída sobre a rocha.

Mateus 7:24-29

LUZ, Cláudia Chrystina K.K.C. **Aspectos Psicológicos da Conjugalidade: a importância do lúdico como potencial criativo na terapia de casal.** 2024. 65p. Dissertação de Mestrado em Psicologia Desenvolvimento e Políticas Públicas. Universidade Católica de Santos.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa visou observar a importância que os relacionamentos conjugais têm para o bem-estar dos indivíduos. A ideia inicial para estudar esta temática surgiu a partir da observação dos dados estatísticos frente a realidade trazida pela pandemia do coronavírus no Brasil, que trouxe, junto com o isolamento social, um aumento nas taxas de divórcio e dos casos de violência doméstica. A partir da compreensão desses dados, verificou-se que o sofrimento trazido aos cônjuges não terminava com o divórcio. Sendo assim, o estudo sobre a intervenção a partir da terapia de casal, trouxe evidências que dão suporte para uma terapêutica que pode ser atualizada e criativa, levando em conta, recursos lúdicos para a compreensão e resolução dos conflitos.

Palavras-chave: Conjugalidade, potencial criativo, recursos lúdicos, Absoluto do Casal, resolução de conflito

LUZ, Cláudia Chrystina K.K.C. **Psychological Aspects of Conjugality: the importance of the ludic as a creative potencial in couples therapy.** 2024. 65p. Dissertation of the Psychology Master Program Development and Public Policy of the Catholic University of Santos, Santos, 2024.

ABSTRACT

The aim of the research was to observe the importance of marital relationships for individuals' well-being. The initial idea to study this topic arose from observing statistical data in the face of the reality brought by the Pandemic of Coronavirus in Brazil, which, along with social isolation, presented an increase of the divorce rate and cases of domestic violence. Through the comprehension of those data, it was found that, despite being divorced, the suffering of both spouses didn't ended. Therefore, the study about intervention via couples therapy has brought evidence that it provides a therapeutic approach and that it can be updated and creative, taking into account ludic resources to the understanding and resolution of conflict.

Keywords: Conjugality, creative potencial, ludic resources, couple's absolute, conflicts resolution.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
1. O CICLO DE VIDA FAMILIAR E A CONJUGALIDADE.....	17
2. A CRIATIVIDADE NA PSICANÁLISE DE WINNICOTT.....	29
3. DISCUSSÃO.....	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
5. REFERÊNCIAS.....	44
6. PRODUTO TÉCNICO	53
7. REFERÊNCIAS DO PRODUTO TÉCNICO.....	65

APRESENTAÇÃO

O estudo da terapia de casal, desde a década de 1930, aponta que este tipo de intervenção psicológica focava apenas na redução dos conflitos, e não no entendimento e na compreensão dos fatores que desencadeavam essa demanda. A ideia principal era a de promover uma aproximação apaziguada entre os cônjuges. Com o passar do tempo e com o desenvolvimento de estudos advindos de uma demanda focada no aspecto familiar, verificou-se que as ações que aumentavam a conexão, a aceitação os e objetivos de vida em comum dos cônjuges, melhoravam a qualidade da relação.

Desta forma, o presente trabalho propõe instrumentos que integrem diversas metodologias para auxílio do profissional de psicologia, no atendimento aos casais, alinhando a particularidade dos interesses individuais com a conjugalidade.

Nos últimos anos, houve um crescimento significativo dos estudos e da aplicação de práticas no campo da terapia de casal, este movimento, fundamentado em pesquisas científicas, demonstrou a eficácia de muitas abordagens e técnicas utilizadas para esta terapêutica. Sendo assim, o produto técnico desta dissertação propõe um roteiro norteador do atendimento clínico, a fim de buscar resultados construtivos na comunicação e conseqüente resolução de conflitos no âmbito do relacionamento conjugal, além de proporcionar um maior engajamento do profissional de psicologia às técnicas e instrumentos lúdicos para o atendimento desta demanda.

INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre conjugalidade, sobre o amor e seus arranjos afetivos, foi uma proposta que nasceu no meu trabalho de conclusão do curso de Psicologia, a partir de questões teóricas e principalmente no dia a dia do início da minha prática clínica. Já naquela época, eu me interessava pela forma como os relacionamentos conjugais evoluíam ou involuíam, e como o profissional de psicologia poderia manejar essa dinâmica, interagindo com um ou com o outro cônjuge.

Mas essa história não começa aqui... minha primeira formação foi em Arquitetura e Urbanismo, curso que me encantava pois me apresentava um mundo cheio de simbolismo e significados gráficos. Creio que, através da Arquitetura eu já “conversava” com a interpretação e com a análise daquilo que não era dito (ou verbalizado, como se fala na psicologia). Estudei as construções greco-romanas, me encantei com os templos e estátuas que reverenciavam os deuses e deusas, os casais da mitologia. Ao final da graduação trabalhei no Departamento do Patrimônio Histórico do Município de São Paulo, na área de tombamento e revitalização. Hoje penso que a prática do psicólogo fala muito disso, em como revitalizar as emoções, proteger e garantir papéis sociais, como escrever uma história de algum lugar sob a perspectiva de quem viveu ali. Penso também, que vida imita a arte e vice-versa, pois com alguns anos de formada, me mudei da cidade de São Paulo para Santos, e me vi num momento delicado em que dependia apenas de mim, o cuidado da minha família. Abdiquei da vida profissional como arquiteta e me dediquei na “construção” de um lar. Foram alguns anos de dedicação exclusiva, até que, incentivada pelo meu marido (como não falar de conjugalidade?), retornei às carteiras da faculdade, agora no curso de psicologia.

Sem a menor expectativa, me comprometi com o aprendizado, a princípio, para tentar entender um pouco sobre a dinâmica da minha casa, do desenvolvimento dos meus filhos, e da minha relação com o meu marido. Não demorou para ir além... eu via na psicologia uma possibilidade de ler o mundo e assim continuo exercitando até hoje.

Desse exercício, surgiu uma curiosidade, e dessa curiosidade nasceu meu primeiro projeto: o trabalho de conclusão de curso intitulado: *Ânima e Animus na perspectiva dos mitos Eros & Psique, e Narciso & Eco*. Na ocasião, fiz uma interlocução a partir do estudo de dois mitos gregos que simbolizavam respectivamente, a vivência de um casal funcional e de outro casal disfuncional, com conceitos da teoria Junguiana que aborda aspectos inconscientes da dinâmica relacional. A partir daquela pesquisa, desenvolvi uma forma de trabalhar a leitura e a reflexão sobre a história dos mitos gregos nos atendimentos individuais e nas dinâmicas desenvolvidas com grupos de mulheres, em que a queixa principal era o relacionamento conjugal.

A utilização na prática clínica dos meus estudos sobre os casais mitológicos me levou a buscar os fundamentos, os métodos e os procedimentos

da Psicologia Analítica numa especialização em Jung¹. Após concluir minha formação acadêmica, retornei à faculdade de psicologia, num curso de especialização em Terapia Analítica, que me garantiu o Título de Especialista em Psicologia Clínica. Lá contextualizei e relatei o pensamento Junguiano, segundo suas bases filosóficas, com o entendimento da evolução do relacionamento dos casais de meia idade, ou, conforme a teoria analítica, dos casais que vivenciavam a Metanoia². Para a conclusão da especialização elaborei o tema *Satisfação Conjugal e Metanoia: o encontro do amor com a maturidade*, com o objetivo de compreender a dinâmica conjugal que se estabelece no curso de um casamento de longa duração. Neste trabalho, a Psicologia Analítica me forneceu os elementos para o entendimento desses conflitos, ressaltando seus aspectos construtivos, que auxiliam no processo de individuação³ dos cônjuges. Era novamente o estudo dos casais que me movia!

Mais uma vez apliquei na prática clínica o conhecimento obtido na especialização. Mas, atender a queixa relativa ao conflito conjugal de forma individual me fazia pensar no atendimento familiar: cônjuges, filhos, sogros, enfim, um emaranhado de pontos de vista que insistiam em “botar a colher”⁴ na relação conjugal e que necessitavam de uma instrumentalização para organizar tantas diferenças que eu prefiro chamar de “diferenças reconciliáveis”. A partir daí, surge minha percepção de que os relacionamentos afetivos têm significativa importância na formação e na evolução do psiquismo humano, uma vez que os pensamentos do casal são permeados de afeto, que tem sua origem a partir do outro, ou seja, nas relações primárias com a mãe e com o pai. Assim, mais uma vez, os conceitos aprendidos com a psicologia (e com a vida) me mostravam possibilidades que eu ainda não havia explorado.

Neste momento, entendi que precisava dar mais um passo na minha formação. Aglutinei os estudos anteriores e elaborei um projeto para ingressar no mestrado. Minha intenção era a de buscar uma forma de instrumentalizar meu conhecimento na prática clínica com casais, uma vez que havia terminado um curso teórico-prático nesta área. Durante esta imersão na teoria da clínica de casais, percebi que, sob a visão do atendimento clínico, a escassez de instrumentos terapêuticos e lúdicos atuais, dificultava o manejo e a administração dos conflitos conjugais. Era necessário pensar num instrumento específico para o atendimento deste nicho. Seria possível trabalhar a criatividade dos casais para melhorar a conjugalidade deles? E mais: eu precisava pesquisar e tentar estabelecer um eixo que unificasse a teoria e a prática para aplicar um instrumento criativo.

Reverendo meu percurso desde a faculdade de arquitetura, pensei em unificar os saberes da arquitetura e da psicologia a partir de um instrumento um recurso criativo. Era o que eu sabia sobre a arte encontrando aquilo que eu

¹ Carl Gustav Jung (1875-1961), médico psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica.

² Metanoia: processo de evolução psicológica que acontece na segunda metade da vida, e que provoca muitas transformações, tanto no comportamento quanto no pensamento e no caráter, produzindo rompimentos de valores e de relacionamentos.

³ Individuação: é um processo de evolução psicológica que tem como finalidade o desenvolvimento da personalidade individual

⁴ Ditado popular que diz que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”

estava estudando através da psicologia, e, desta forma, pensei na possibilidade de utilizar elementos estudados na arquitetura nas sessões de terapia de casal, e, assim, surgiu meu “Problema da pesquisa”: *Como o estudo da conjugalidade associado ao desenho pode instrumentalizar o profissional de psicologia a ressignificar os conflitos de um casal?* Esse problema trazia a hipótese de que *os recursos criativos auxiliariam a atuação do psicólogo e facilitariam a comunicação do casal na busca pela solução de seus conflitos.*

Era 2021 e os dados estatísticos sobre a relação entre o número de casamentos e o número de divórcios na pandemia acabavam de ser divulgados, e me levaram a pensar no isolamento e no impacto que a pandemia causara nos casais. O foco estava no conflito que a nova dinâmica do isolamento trazia para os lares, e mostrava também que havia algo que “desandava”, minha hipótese era a de que, com o isolamento social, os casais viviam uma redução dos recursos sociais e familiares para lidar com seus conflitos. Ora, as pessoas conversam sobre seus problemas com outras pessoas. Elas podem ser amigos, alguém da família ou do trabalho, que elas encontravam na rua, num shopping, numa lanchonete. Essas pessoas escutam, dividem ideias, contam sobre suas vivências, enfim, trazem criatividade..., mas isso não era possível naquele momento de pandemia. Frente a esta realidade, elaborei o objetivo geral desta dissertação. A partir dele propus um olhar sobre como os casais se relacionavam no cotidiano, analisando uma realidade que não pode ser quantificada, ou seja, observando os significados, as motivações, crenças e atitudes, que envolviam a realidade humana em suas relações, favorecendo a identificação dos aspectos subjetivos. A ideia geral, então, partiu do pensar na criatividade como um instrumento capaz de promover melhorias na conjugalidade dos casais, e, desta forma, permitir um aprofundamento no reconhecimento das dinâmicas interpessoais sob o olhar de cada cônjuge, para definir qual a percepção que eles tem no que se refere à dinâmica relacional.

Para cumprir esse objetivo pensei na possibilidade de utilizar um instrumento criativo que representasse os aspectos relacionais da conjugalidade de forma lúdica, mas, para isso, eu precisava entender sobre a base e sobre o núcleo do desenvolvimento familiar dos cônjuges para que esse instrumento fosse coerente e compatível com realidade conjugal: quais as definições e reflexões que eles traziam sobre os conceitos de ciclo de vida familiar? Como era entendido socialmente o casamento, o divórcio, a conjugalidade e a satisfação conjugal? Então, para fazer essas reflexões, no capítulo 1 escrevi sobre como o casamento ocupa um lugar privilegiado entre as relações significativas validadas pelos adultos na nossa sociedade. E, por sua importância, traz consigo a relevância do atendimento de casal no contexto da psicologia clínica.

Para trabalhar essa temática, a metodologia escolhida foi a Pesquisa Qualitativa de cunho exploratório, a partir de uma revisão narrativa da literatura que, de acordo com Gil (2010, p27) tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, para constituir hipóteses. Além disso, por trazer um sentido social e empírico, era capaz de analisar a variedade das representações conjugais. Desta forma, esta pesquisa envolveu um

levantamento bibliográfico que promoveu uma maior compreensão sobre o tema, visando a aquisição de conhecimento para aplicação destes estudos numa situação específica: o conflito de casal.

Essa pesquisa também tem um cunho exploratório porque propõe tornar o problema da falta de criatividade dos casais mais explícito para construção de hipóteses, com um planejamento flexível para considerar diversos aspectos relativos ao fenômeno da conjugalidade.

Como se trata de uma pesquisa no âmbito científico e acadêmico, a consulta do material aconteceu em bases de dados bibliográficos destinadas ao público específico da área da psicologia, e trouxe um levantamento, seleção, e o fichamento de informações relacionadas à Satisfação Conjugal em 27 livros, e 26 artigos, 18 teses e dissertações.

A coleta de dados aconteceu, num primeiro momento, por conta do isolamento no período da pandemia do COVID-19, a partir de pesquisas realizadas de forma eletrônica, pela internet, em sites acadêmicos, bibliotecas eletrônicas, e repositórios de produções da UNISANTOS, PUC, USP e UNIFESP. A partir daí, foi escolhida a plataforma da Scielo, uma biblioteca eletrônica de periódicos científicos brasileiros, para trabalhar com as publicações que se referiam à conjugalidade e ao conflito de casais.

A revisão da literatura, foi realizada no período de abril de 2022 a agosto de 2023. A partir da plataforma Scielo, a busca utilizou os seguintes descritores: Conjugalidade, Relacionamento Conjugal, Conflito Conjugal, Pandemia, e Covid-19.

Nesta coleta foram encontrados 32 trabalhos que citavam a conjugalidade no contexto de conflito, sendo 27 trabalhos em português. Destes foram selecionados 08 artigos para leitura na íntegra, pois traziam também a temática da pandemia.

Da mesma forma que observei no meu estudo anterior com os casais, nas histórias de amor, nem sempre todo final é feliz, então, ainda no capítulo 01, escrevi sobre as variáveis destrutivas que incidem na dinâmica conjugal, citando a influência da pandemia do covid 19 como um fator influenciador externo ao casal, ou como a interferência de outras pessoas na dinâmica familiar podem resultar em conflitos. Para ilustrar essas informações, apresento os dados estatísticos oficiais de antes e depois da pandemia no Brasil, em que se nota mudanças expressivas nos números da proporção de casais que se casaram e que se divorciaram, neste mesmo período.

A partir desses dados, e, aliado aos estudos sobre o ciclo da vida familiar, nas aulas do mestrado, tive a oportunidade de assistir uma aula sobre a importância do brincar para Winnicott⁵, e assim aprofundi meus conhecimentos sobre as técnicas deste autor, que eram, a princípio, aplicadas por mim, somente na clínica infantil. Nesta ocasião, uma indagação surgiu: Será que essas técnicas funcionariam na clínica de casais, uma vez que, durante a terapêutica, as questões mais conflituosas a serem trabalhadas traziam conteúdos menos evidentes e óbvios do que os conteúdos verbalizados? Além disso, a falta de

⁵ Donald Woods Winnicott foi um renomado pediatra e psicanalista britânico do século XX

evolução no processo analítico dos casais poderia se relacionar à resistência que eles tinham para lidar com esses aspectos de forma direta (verbal)? Fui percebendo que era necessário estabelecer uma relação diferente com eles... possibilitar um pouco mais do que uma escuta e um acolhimento, era necessário apresentar instrumentos de auxílio para uma análise das situações conflitantes, sem que isso significasse “falar a respeito”, mas como eu faria, então?

O primeiro passo foi linkar os conceitos onipresentes da obra de Winnicott, como o *Holding* e o *Handling*⁶ e a *Apresentação de Objetos Transicionais*⁷, com o atendimento aos casais. Ora, se funcionava para entender os conceitos de interdependência que o bebê desenvolve com a mãe, sobre o afeto relacionado ao proteger, e sobre a associação da vida psíquica interna com o esquema corporal, para construir a unidade *psique-soma* (mente-corpo) diferente do *Eu* versus o outro, por que não utilizar essas mesmas premissas para tentar entender o relacionamento dos casais?

Aparentemente ler Winnicott me deu a impressão de entender quase tudo, mas, à medida que fui me aprofundando, percebi que o caminho seria mais desafiador, e que era necessário apresentar, mesmo que sucintamente, alguns fundamentos da sua teoria, para aquilo que eu estava propondo, e assim dar sentido para quem lesse meu trabalho. Desta forma, no capítulo 02, discorri sobre a vida e a obra de Winnicott, seus conceitos, sua articulação bebê-mãe, e principalmente sobre a relação deles, que preconizava que uma das funções maternas era a de prover oportunidades ao bebê para ele estar só, enquanto ela estava presente, de maneira confortável.

Mas, para compreender esses conceitos desenvolvidos, eu precisava voltar para meus estudos da graduação, mais precisamente para as aulas de psicanálise, que me foram caprichosamente lecionadas por meu orientador deste mestrado! Recordei que o próprio Winnicott, em sua bibliografia, declarou que se sente “filho” de Freud⁸ e de Klein⁹, porque usou muitas das ideias deles. Claro que eu não vou escrever sobre a clínica psicanalítica, mas acreditei ser de suma importância ressaltar que me utilizei de algumas estruturas desta teoria.

Neste capítulo o foco está na importância de se utilizar a criatividade no atendimento aos casais, uma vez que a criatividade pode ser conceituada como um conjunto de capacidades que permitem uma pessoa comportar-se de modos novos e adaptativos em determinados contextos (Mouchird e Lubart, 2002).

Neste cenário, Winnicott traz para o setting o espaço de “brincar”, com espontaneidade e criatividade, que, na proposta desta pesquisa, se realiza com a confecção do desenho e sua interpretação, para facilitar o brincar adulto, que visa o clima de brincadeira promovendo o estado primordial de abertura para

⁶ A teoria do Holding e do Handling do psicanalista Donald Winnicott, analisa a relação parental dos bebês

⁷ Objetos transicionais são aqueles utilizados pelas crianças para suprir a ausência materna: Uma cobertinha ou um bichinho, que representam o elo entre o mundo interno e externo.

⁸ Sigmund Freud (1856-1939), médico e pesquisador austríaco que criou a Psicanálise, desenvolvendo várias teorias psicológicas que modificaram a maneira de ver e de tratar mentalmente o ser humano.

⁹ Melanie Klein (1862-1960), psicanalista austríaca que desenvolveu suas teorias a partir do trabalho com crianças, o que possibilitou uma investigação psicanalítica dos primeiros meses de vida, abrindo as portas para o tratamento de pacientes psicóticos.

discutir o conflito de forma lúdica e que promove um estado de relaxamento do ego.

Por fim, este capítulo também foca em constatações acerca da necessidade de se estudar a conjugalidade no cenário brasileiro, para a criação de programas de intervenção mais efetivos e condizentes à realidade da população. Levando em conta, principalmente que a dimensão do conflito é inerente aos aspectos da conjugalidade, e que uma análise mais aprofundada deste cenário se baseia na compreensão da relação entre a qualidade da vida conjugal e a resolução dos conflitos inerentes ao casal.

A partir da discussão e da análise, observei os aspectos significativos da dinâmica conjugal, utilizando o método psicanalítico de pesquisa que, diferente de outros métodos de análise, traz particularidades que o classifica numa outra lógica de pesquisa científica.

Ainda neste capítulo escrevi sobre os possíveis motivos que levam os casais ao conflito, e por serem muitos, se torna importante reconhecer quais são os mais frequentes e quais desencadeiam esses conflitos.

Para concluir, nas considerações finais, descrevo sobre a importância dos recursos lúdicos no auxílio à interação, na comunicação do casal, e na negociação que busca as melhores soluções para os conflitos.

Também foram observados neste capítulo os aspectos significativos da dinâmica conjugal no tocante à construção de significados, e que o padrão de relacionamento adotado pelo casal, pode estar associado à saúde e a qualidade de vida.

Para iniciar esta jornada, escrevo sobre os conceitos iniciais que explicam o surgimento da conjugalidade e da vida familiar, que me levaram a desenvolver esta dissertação a fim de buscar auxiliar os casais a superar seus conflitos de forma mais leve e criativa.

1. CICLO DE VIDA FAMILIAR E A CONJUGALIDADE

A evolução da família e do casamento estão atrelados ao desenvolvimento humano e podem ser analisados observando a forma como as famílias se desenvolvem durante a passagem de um estágio de vida para outro. Segundo Brandt (1995), com o passar do tempo, e com o movimento de entrar e sair de diferentes estágios do ciclo de vida, é possível desenvolver o que chamaram de noção do Ciclo da Vida da Família, dividido em seis estágios, cada um deles com desafios e tarefas específicos.

- a) os jovens solteiros
- b) o novo casal
- c) as famílias com filhos pequenos
- d) as famílias com filhos adolescentes
- e) o ninho vazio
- f) as famílias no estágio tardio de vida

A passagem do ciclo dos jovens solteiros para o ciclo do novo casal acontece a partir do desenvolvimento da conjugalidade, que, por sua vez, constitui um fenômeno sócio-histórico, marcado pelo ritual do casamento.

Família e casamento são conceitos importantes nas diversas áreas de pesquisa, mesmo assim, Quintas (2000) escreveu que a família só mereceu interesse científico na segunda metade do século XIX, porque neste período, passou a ser vista como instituição social e histórica, e não como fruto exclusivo da determinação biológica. De lá para cá, os estudos sobre este tema avançaram, mas é relevante pensar que, se a família passou a ser estudada somente no momento que foi vista como um elemento social, o tema casamento e a conjugalidade, ainda é pouco desenvolvido.

Historicamente, o casamento como instituição regulamentava as atividades de base biológica relativas à reprodução e ao sexo, tendo como principal função a perpetuação da espécie (Saraceno, 2003). Mais recentemente, a evolução social, a emancipação feminina, a revolução sexual, o aperfeiçoamento dos métodos anticoncepcionais e das técnicas de reprodução, entre outros fatores, têm modificado o conceito e a posição ocupada pelo casamento em nosso contexto. Para Severino (1996), casamento é a determinação de dois indivíduos que convivem numa relação estável e que assumem compromissos mútuos, oferecendo reciprocamente suporte para as necessidades sociais, afetivas e sexuais. Para Gomes e Paiva (2003) o casamento na Pós-modernidade está ligado a uma noção de mutabilidade, transformação, flexibilidade em relação ao novo e ao diferente, destacando que esse deve constituir-se num espaço de desenvolvimento interpessoal e de criatividade.

A mudança na concepção dos relacionamentos atuais se evidencia, principalmente na superficialidade dos vínculos (Mezan, 2003), caracterizada

pela paixão intensa e efêmera, que, segundo Bauman, é a concepção do que ele denomina *Amor Líquido*, um reflexo da fragilidade dos vínculos humanos na contemporaneidade, que inspira desejos conflitantes de apertar os laços e, ao mesmo, tempo mantê-los frouxos (Bauman, 2004, p. 8), resultando em casamentos mais fugazes e na dissolução do vínculo como resolução do conflito conjugal.

Desta forma, o “*Amor Líquido*”, não descreve somente a complexidade dos relacionamentos na sociedade contemporânea, mas argumenta que este tipo de amor, assim como muitas outras instituições sociais, tornou-se fluido e instável em tempos modernos, em contraste com a solidez e a estabilidade que caracterizavam os relacionamentos em épocas passadas, por conta das condições sociais e econômicas da modernidade. Bauman sugere que o amor, ao invés de ser uma força duradoura que transcende as mudanças sociais, tornou-se mais uma mercadoria sujeita às leis do mercado, com uma natureza efêmera e volátil.

Os relacionamentos passam a ser frequentemente descartáveis, moldados pela lógica do consumo e pela busca incessante da satisfação pessoal, numa sociedade onde a incerteza e a insegurança predominam, com a evitação da maioria dos compromissos de longo prazo. Esse tipo de amor é frequentemente marcado pela individualização extrema, uma vez que as instituições tradicionais, como a família e a religião, perdem sua influência, os indivíduos são deixados para trilhar seus próprios caminhos na busca pelo amor e pela felicidade. Isso pode levar a uma falta de conexão genuína e intimidade emocional, já que os relacionamentos são muitas vezes baseados em interesses pessoais e autoafirmação.

Outro aspecto importante do amor líquido é a sua conexão com a cultura do consumo. Bauman sugere que, assim como as mercadorias, os parceiros são frequentemente vistos como objetos a serem adquiridos e descartados conforme conveniência. Nesse contexto, a pressão para manter uma imagem idealizada de si mesmo e para encontrar um parceiro que atenda aos padrões culturais de sucesso, pode criar expectativas irrealistas e perpetuar a insatisfação constante.

No entanto, apesar de suas críticas à fragilidade dos laços humanos na era moderna, Bauman não é completamente pessimista em relação ao amor. Ele reconhece que, embora os desafios sejam significativos, ainda é possível encontrar formas de conexão autênticas e significativas em meio à liquidez dos relacionamentos contemporâneos. Para isso, faz-se necessária uma reflexão cuidadosa sobre as condições sociais que moldam as experiências amorosas, além de um compromisso renovado com os valores como a empatia, a solidariedade e a responsabilidade mútua.

Inevitavelmente, essas transformações implicam em mudanças nos motivos para que o casamento aconteça. Pesquisas revelam que as pessoas se casam em busca de satisfação sexual, para serem atendidas e admiradas, para não envelhecerem sozinhas, para fugirem da solidão ou mesmo para obterem valores materiais e prestígio social (Davis, 1998; Carter & McGoldrick, 2001; Costa, 2007). Garcia-Veja e Ríos-González (1999) apontaram que o casamento também acontecia para se livrar de uma situação familiar incômoda. Na opinião

de Branden (2000), questões legais e financeiras podem tornar tal união desejável, ainda que estas não sejam motivações essenciais.

Além destes aspectos, diferentes perspectivas são esperadas por homens e mulheres com relação ao casamento. Segundo Gray (1997), os homens buscam, principalmente, confiança, aceitação, apreço, admiração, aprovação e encorajamento. As mulheres querem, principalmente, carinho, compreensão, respeito, devoção, validação e reafirmação. Bueno & Prado (1989) também enfatizam essas diferenças entre o homem e a mulher, afirmando que elas são fundamentais, complementares e necessárias para a formação do verdadeiro par.

De maneira geral, o casamento é entendido como uma união consensual ou união com legitimação civil e/ou religiosa. Mas o que determina a escolha dos parceiros costuma ser uma atração seletiva, que, segundo a psicologia é determinada pelos conteúdos conscientes e inconscientes do casal (Anton, 1991). Boa parte desses motivos continua no inconsciente, e os motivos conscientes, aparecem cheios de “*submotivos*”, como camadas que se sobrepõem.

Desta forma, percebe-se que fatores que se interpõem entre o desejo e a possibilidade de que a relação se constitua em casamento são, a capacidade em optar pela realização de alguns desejos e de renunciar a outros; a capacidade de suportar e elaborar certo número de frustrações; o zelo e a responsabilidade pelas escolhas feitas, e a presença de necessidades contraditórias originárias da infância (Anton, 1991).

Para Costa e Katz (1992, p.27), as experiências familiares infantis estão marcadas por satisfações, frustrações e conflitos não resolvidos. A qualidade dos vínculos apreendidos no convívio familiar estabelece um padrão de relacionamento que será repetido por elas, e recriado ao longo da vida. Sendo assim, o casamento configura-se como cenário perfeito para que este modelo de relacionamento seja revivido.

Mesmo um casamento bem-sucedido nunca deixará de representar uma tentativa de repetição de experiências e conflitos infantis. Na verdade, o desejo de acasalar-se não passa de uma repetição de uma experiência da infância com um casal fortemente idealizado quanto às suas capacidades de mútua satisfação, que vão gerar na criança uma série de sentimentos conflitivos. Por isso se diz que o conflito é inerente ao casamento; mas é fundamental que se tenha presente em todas as situações que, repeti-lo, também representa uma tentativa de resolvê-lo. (COSTA E KATZ, 1992, p.27)

Num dos primeiros estudos qualitativos sobre o casamento, James Bossard e Eleanor Boll (1950) publicaram *Ritual in Family Living*, no qual mostraram que o casamento era um organizador da vida familiar e mantinha a estabilidade do casal durante períodos de estresse e transição. Mais tarde, esses mesmos pesquisadores começaram a organizar estudos empíricos sobre os rituais e, a partir dos resultados dessas pesquisas, decidiram pela realização de novas

pesquisas para comprovar sua importância. Desde a década de 1950, os estudos sobre o casamento trazem questionamentos, devido às transformações nas suas características, desde o modelo tradicional de casamento estudado ao longo dos séculos, às diversas formas de casamento atuais, pode-se observar mudanças nos papéis conjugais e nas expectativas relativas à vida conjugal.

Para Féres-Carneiro (1998), no artigo *Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade*, todo casal define seu modelo único de ser casal, ao formatar sua existência e determinar seus limites, criando, assim, uma identidade conjugal, que contém duas individualidades e uma conjugalidade. Esta definição, para a autora, parte do que Philippe Caillé (1991) chamou de “*absoluto do casal*”: a junção de dois sujeitos com suas histórias e projetos de vida, dois desejos, duas inserções e percepções de mundo, com suas identidades individuais que, na relação convivem em uma conjugalidade, formatam um desejo unificado, uma só história de vida conjunta, um projeto do casal de criar uma identidade conjugal. Ser dois, sendo um (cada um), mantendo suas individualidades (duas) ao criarem um elemento em comum (um) conjugado: a conjugalidade que determina que um + um são três!

Sob a óptica da sociologia, Berger e Kellner (1970) descrevem que o casamento, desde a definição de Durkheim¹⁰, serve como proteção contra a anomia¹¹ do indivíduo, e tem, como função social, a criação de uma ordem, para que cada pessoa experimente a vida com um determinado sentido, observando e comentando sobre a realidade do mundo através do diálogo que os cônjuges estabelecem. Eles são, portanto, as pessoas significativas, e o casamento, por sua vez, ocupa um lugar privilegiado entre as relações significativas validadas pelos adultos na nossa sociedade. Para os autores, o casamento é uma instituição social que tem evoluído ao longo da história e suas origens são complexas e multifacetadas, variando de acordo com as culturas e épocas.

Nas civilizações antigas, como a Mesopotâmia, Egito, Grécia e Roma, o casamento era um contrato firmado entre famílias para fins políticos, econômicos e sociais e religiosos, formalizados pelas cerimônias religiosas com práticas e rituais específicos. Para o cristianismo, por exemplo, o casamento é um sacramento.

Durante a Idade Média na Europa, o casamento era frequentemente arranjado entre famílias nobres para consolidar o poder e fortalecer as alianças ao promoverem casamentos entre famílias com posses maiores ou de tamanho similar. O caráter irrevogável da união matrimonial dava estabilidade para as relações entre os grupos de interesse. Sendo assim, o amor romântico não era o principal critério para a união. Mas a Reforma Protestante trouxe mudanças significativas no entendimento do casamento, a partir dos preceitos de Martim Lutero¹², que defendia que o casamento era uma instituição divina, e não apenas um sacramento da Igreja Católica.

¹⁰ Émile Durkheim foi um sociólogo, filósofo e antropólogo judeu francês. É considerado o "Pai da Sociologia".

¹¹ Anomia, segundo Durkheim, é uma desordem social, princípio de um fato social patológico.

¹² Martim Lutero, monge alemão discutiu os problemas da Igreja Católica, e, em 1517, ao pregar na porta da igreja de Wittenberg suas 95 teses, ele desencadeou a Reforma Protestante.

O consentimento, ou o famoso “Sim”, só passou a fazer parte da tradição a partir de 1140 com o Decreto de Graciano, uma obra extensa que trata sobre o direito canônico, estabelecendo regras de conduta, e normatizando costumes da Igreja Católica. Desta forma, o consentimento, ou a manifestação voluntária em relação à vontade de unir-se em matrimônio, passou a ser, a partir do século XII, condição para que o casamento fosse realizado.

O caráter permanente e a indissolubilidade da união matrimonial começaram a ser contestados desde a separação do Rei Henrique VIII da Inglaterra com a Rainha Catarina de Aragão da Espanha em 1534, mas foi somente em 1670 que os parlamentares concordaram em discutir o rompimento de alguns matrimônios para casos e pessoas específicas, geralmente advindos da nobreza, premissa do divórcio atual. Finalmente, em 1836, o casamento europeu passou a ter um caráter civil, não apenas religioso, permitindo que os noivos de outras religiões também assumissem a união.

Durante os séculos XVIII e XIX, ou seja, na era moderna, várias mudanças sociais impactaram o conceito e o funcionamento do casamento. A partir daí, o romance passou a imperar sobre as relações afetivas, trazendo o amor como fator primordial para essa equação. Neste mesmo período, as leis que surgiram com o casamento foram atualizadas e questões como a herança e a propriedade conjunta foram criadas e atualizadas.

No século XX, ocorrem mudanças radicais no conceito de casamento, com o movimento pelos direitos das mulheres, o reconhecimento do casamento interracial e o movimento LGBTQIAP+¹³ lutando pelo reconhecimento legal de suas uniões, e assim, o casamento civil tornou-se mais comum, separando o casamento da esfera religiosa em muitas sociedades.

Apesar da indiscutível evolução, até hoje, o casamento ainda é associado à ideia de felicidade com laços indissolúveis, ou o “*felizes para sempre*” dos contos de fadas. Muitas vezes os conflitos conjugais, tão inerentes ao relacionamento, pois promovem os embates que auxiliam os casais a desenvolverem habilidades para lidar com futuras crises, e por ser o elemento fundamental para a adaptação à vida a dois, geram uma percepção negativa da relação e dos conteúdos que promovem a evolução deste casal. Assim, o “*felizes para sempre*” tem dado lugar ao “*Eterno enquanto dure*”. E neste cenário, Zordan e Wagner (2009) preconizam que o casamento não é mais considerado um projeto vital dos indivíduos, mas um “acontecimento evolutivo” que produz novos modos de significações e de práticas que se afastam das concepções tradicionais sobre a conjugalidade.

Mas falar sobre casamento na cultura brasileira é falar de necessidades afetivas (Coutinho e Menandro, 2010), levando em consideração que essas necessidades mudam através dos tempo, e evidenciam continuidades e rupturas com mudanças expressivas de uma geração à outra. Pode-se observar, por exemplo, que a manutenção do casamento deixa de ser o objetivo principal do casal; que as relações conjugais, de forma geral, tornam-se mais abertas e com papéis que buscam uma igualdade, com uma redução de interdições em relação

¹³ LGBTQIAP+: Sigla utilizada para contemplar orientações sexuais e diversidade de gênero. É a abreviação de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, queers, intersexuais, assexuais e pansexuais e outros.

à mulher, ou seja, o investimento feminino no casamento passa a dividir espaço com o maior envolvimento masculino na resolução de conflitos.

É importante ressaltar os fatores que Nader (2001) aponta como elementos que dificultaram a manutenção do modelo tradicional do casamento, composto por casal e filhos: intensificação da pobreza; entrada da mulher no mercado de trabalho; laços familiares afrouxados pela instabilidade conjugal; institucionalização do divórcio em 1977.

Inquestionavelmente, as transformações socioeconômicas das últimas décadas do século XX modificaram o relacionamento dos cônjuges, principalmente na forma de pensar o casamento e a família. Além disso, no final dos anos 1990, a família nuclear urbana e o casamento tradicional perderam espaço para novas configurações e arranjos que revelaram os atuais cenários sociais e formatos conjugais antes desconsiderados socialmente.

E, para finalizar o contexto social, a percepção sobre o comprometimento no casamento que trazia como slogan o “*Até que a morte nos separe*”, realmente morreu, dando espaço para a compreensão da importância da união e do esforço conjunto para manter os laços do casamento, equilibrando as demandas individuais e conjugais, simultaneamente, e aumentando o compromisso com a relação (Coutinho & Menandro, 2010).

Para a psicologia, o casamento pode ser estudado dentro deste contexto das relações interpessoais, do desenvolvimento humano e da saúde mental. Algumas perspectivas e abordagens da psicologia sobre o casamento surgiram a partir das Teorias do Desenvolvimento que investigam como os relacionamentos se formam, se mantêm e evoluem ao longo do tempo. Essas teorias procuram explicar como os casais se conectam emocionalmente, enfrentam desafios e se comprometem, na maioria das vezes através da comunicação.

A comunicação eficaz e a resolução de conflitos são aspectos fundamentais para a saúde de um casamento. Desta forma, a psicologia estuda os padrões de comunicação, estilos de enfrentamento e técnicas de resolução de conflitos para enfrentar os desafios e as crises conjugais: A psicologia reconhece que os casamentos enfrentam desafios e crises ao longo do tempo, como infidelidade, problemas financeiros, mudanças na dinâmica familiar e estresse externo, então, estudar como os casais lidam com esses desafios pode oferecer insights sobre a resiliência e a capacidade de adaptação de cada cônjuge num relacionamento.

Ainda no desenvolvimento dos estudos da psicologia, na prática da psicologia clínica e no atendimento em Terapia de casal, as intervenções terapêuticas também focam na comunicação para ajudar os casais a resolverem seus conflitos, e para desenvolverem o diálogo, elementos fundamentais que reforçam o vínculo.

Desta forma, a satisfação conjugal e bem-estar, são conceitos que também fazem parte desses estudos, através dos fatores que contribuem ou influenciam na felicidade e no sucesso do casamento, além de interferirem na satisfação conjugal e no bem-estar dos cônjuges. Entre eles, destacam-se a qualidade da relação, a compatibilidade de personalidade, o apoio social e o senso de propósito compartilhado.

Inquestionavelmente, a psicologia oferece uma variedade de perspectivas e abordagens para entender o casamento, desde os processos de formação de relacionamentos até os desafios enfrentados ao longo do tempo, trazendo à luz na dinâmica do casal, as intervenções terapêuticas que promovem a saúde e a felicidade dos casais.

Mas não se pode falar sobre casamento sem pensar nas variáveis que incidem sobre essa dinâmica, entre elas, o divórcio e mais recentemente, uma pandemia que deu um novo contorno às estatísticas.

As estatísticas foram alarmantes, o ano foi 2021, o segundo ano de pandemia do Coronavírus, e a atualização dos dados pelo Colégio Notarial do Brasil – Conselho Federal (CNB/CF), referente ao número de divórcios no Brasil trouxe um alerta: de acordo com o último relatório Estatísticas do Registro Civil, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país teve 386.813 divórcios concedidos em primeira instância judicial ou realizados por escrituras extrajudiciais, o que representa um aumento de 16,8% em relação a 2020 (331.185)., número recorde desde a criação destes parâmetros iniciada em 2007, com o lançamento da Plataforma *e-Notariado*¹⁴, gerida pelo Colégio Notarial do Brasil e pelo Conselho Federal. O programa conecta a população de maneira oficial aos serviços oferecidos pelos tabeliães de notas do país, e torna possível efetivar divórcios, inventários e partilhas de forma remota.

Além disso, a Lei 11.441/2007¹⁵ possibilitou a lavratura de divórcios perante os cartórios, de forma a direcionar esta demanda para fora dos tribunais, e assim garantir o acesso à justiça de forma rápida e econômica. Os divórcios extrajudiciais (realizados em cartórios de notas), já vinham crescendo ano a ano por conta da agilidade e, na medida em que as pessoas conheciam suas vantagens, com a migração dos serviços notariais para o meio eletrônico, a facilidade de fazer o ato online, sem se deslocar, respeitando as normas impostas pelo isolamento, aumentou sua prática. Então, em 2021 foram lavradas 77.509 escrituras de divórcios nos tabelionatos de notas, e, se tomarmos como referência os números durante a pandemia, este resultado mostra um aumento de 4% no total de divórcios em relação ao ano de 2020, quando iniciou-se de fato o processo de isolamento social no Brasil¹⁶.

Os maiores crescimentos de divórcios efetuados em 2021, em comparação ao ano anterior, foram registrados no Distrito Federal (40%), Amapá (33%), Acre (27%), Pernambuco (26%) e Roraima (19%). Em números absolutos, o Distrito Federal também marcou a maior expansão de atos, com 733 divórcios a mais em 2021 em relação a 2020. Em seguida, aparecem Rio Grande do Sul (477), Rio de Janeiro (469), Pernambuco (373) e Bahia (343). Os

¹⁴ Em 2020, por causa do lockdown imposto pela pandemia, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) liberou os cartórios a executarem os atos de forma online.

<https://www.notariado.org.br/jornal-de-brasilia-brasil-ultrapassa-a-marca-de-1-milhao-de-divorcios-extrajudiciais/>

¹⁵ Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. D.O.U. de 5.1.2007

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/lei/l11441.htm

¹⁶ As primeiras medidas de distanciamento social implementadas no Brasil ocorreram no Distrito Federal, no dia 11 de março de 2020. (FIOCRUZ, 2021)

dados constam da Central de Serviços Eletrônicos Compartilhados (Censec), plataforma de dados administrada pelo Colégio Notarial do Brasil (CNB/CF)¹⁷.

Para efetivar o divórcio em um cartório de notas no formato virtual, o casal deve estar em comum acordo com a decisão e não ter pendências judiciais e filhos menores ou incapazes. O processo é realizado por meio da plataforma online, na qual o casal, de posse de um certificado digital emitido de forma gratuita por um cartório de notas, poderá declarar e expressar sua vontade em uma videoconferência conduzida por um tabelião. Depois de entrar em contato com o cartório de notas de sua escolha, o casal tem agendada uma videoconferência para realizar a escritura, que é assinada digitalmente através de assinatura digital de padrão nacional utilizada, por exemplo, para declarar o Imposto de Renda. Além dessas facilidades, os serviços dessa plataforma também estão disponíveis em aparelhos celulares. Tudo muito descomplicado e rápido.

O Direito de Família já aprendeu, com a história e a psicanálise, que a separação às vezes é desejo, às vezes necessidade, como em casos de violência doméstica, por exemplo. É um compromisso com a saúde e um ato de responsabilidade. Já sabemos que filhos de pais separados não são infelizes ou problemáticos. Filhos infelizes são aqueles que assistem aos pais brigando, ou os veem infelizes. Mesmo quando se tem a consciência da necessidade e/ou desejo de romper o vínculo conjugal, não é fácil, e não se faz sem sofrimento. É preciso elaborar o luto e encarar o divórcio como um “ritual de passagem”. Afinal, a gente casa para ser feliz, e também se separa à procura da felicidade. (PEREIRA, 2022, p.237.)

O divórcio no Brasil data de 26/12/77 quando foi publicada a Lei 6.515, que regulamentou a Emenda Constitucional de 25/6/1977, introduzindo o divórcio e rompendo o “sagrado” princípio da indissolubilidade do casamento. Na época, este movimento trouxe o medo da aniquilação das famílias. As regras para o divórcio eram claras: Só se podia divorciar uma vez, eram necessários cinco anos de separação de fato, ou três anos de separação judicial (expressão adotada em substituição ao “desquite”). Mas a Constituição da República de 1988 reduziu os prazos para dois anos de separação de fato e um ano de separação judicial. Em 2007, com a Lei 11.441, seguindo a tendência da extra judicialização, autorizou divórcios e inventários consensuais de maiores e capazes nos cartórios de notas. E a EC número 66/2010 simplificou ainda mais o sistema de divórcio no Brasil acabando os com prazos para se requerer/conceder o divórcio, não deixando mais espaço para discutir se a “culpa” pelo fim da conjugalidade, foi da satisfação conjugal dos cônjuges ou pela individualidade de seus interesses.

Frente a este cenário, torna-se imprescindível entender a definição do termo “Satisfação Conjugal”, que compreende a “avaliação subjetiva que cada

¹⁷ A Censec - Central Notarial de Serviços Eletrônicos Compartilhados

pessoa tem em relação ao que sente sobre a sua relação conjugal, num dado momento” (Hendrick, Dicke e Hendrick, 1998, p.137).

Atualmente, concebe-se que o casamento pode ser um espaço de desenvolvimento das individualidades, delimitando um processo de individuação entre os parceiros (Gomes & Paiva, 2003). Féres-Carneiro (1998^a) descreve como o casal contemporâneo é confrontado por duas forças paradoxais: pelas tensões entre individualidade e conjugalidade. Para esta autora, o desafio de um casal reside fundamentalmente no fato de o casamento, ou a união, ser um palco no qual devem se entrelaçar as individualidades de cada membro, na construção de um local em comum, o que ela define como conjugalidade. Por este viés, a conjugalidade resulta no modelo único que cada par cria, denominado “absoluto do casal”, conceito que determina os seus limites, ou seja, concebe o casal como composto por duas pessoas e o seu modelo único (Caillé, 1991) para se relacionarem. Segundo Féres-Carneiro (1998a), este conceito recebe o nome de identidade conjugal, que na literatura específica é intitulado conjugalidade.

A conjugalidade é um fenômeno multifacetado, envolvido por variáveis de natureza individual, relacional e contextual. Nesse contexto, a avaliação do casal é o primeiro passo para compreender seu funcionamento e planejar intervenções, sendo um processo fundamental para compreender a dinâmica relacional existente entre o casal e a relação com as características individuais de cada um dos cônjuges e do contexto no qual estão inseridos.

Féres-Carneiro (2003) destaca as características individualistas da família e do casal contemporâneo, e enfatiza a importância da qualidade das relações estabelecidas entre os seus membros, no ambiente em que coabitam. E entende que valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades. Isso exige que o casal equilibre seus polos individuais e conjugais. Assim, para a referida autora, o casamento seria um ato dramático, no qual dois estranhos, portadores de um passado individual diferente, se encontram e se redefinem. O drama do ato é internamente antecipado e socialmente legitimado, muito antes de ele acontecer na biografia dos indivíduos. O casal constrói, assim, não somente a realidade presente, mas reconstrói a realidade passada, fabricando uma memória comum que integra os dois passados individuais.

Mas para que isso dê certo, é imprescindível considerar que, conforme a relação evolui ao longo dos anos, os indivíduos também evoluem individualmente, ou seja, não são mais os mesmos que iniciaram a relação (Fonseca & Duarte, 2014). Um estudo americano intitulado “*Comportamento emocional nos casamentos de longo prazo*” (Carstensen, Gottman, & Levenson, 1995), revelou que a resolução dos conflitos, quando os parceiros estão na meia idade e são casados há mais de 10 anos, envolve menos emoções negativas, como raiva e rancor, o que remete à ideia de que as estratégias para a resolução dos conflitos também “amadurecem” com o passar do tempo, apresentando aspectos menos destrutivos.

A conjugalidade, então, é um fenômeno essencialmente complexo, pois envolve dois indivíduos em uma relação íntima que têm a tarefa de construir um

espaço compartilhado, e que implica a intersecção de diversos fatores, entre eles, os de ordem prática, quando decidem coabitar, e também relacional, que diz respeito à definição de regras de como funcionar. Nas últimas décadas, essa complexidade tem tomado proporções maiores, frente ao surgimento de diferentes configurações conjugais, entre elas, a conjugalidade homoafetiva e os relacionamentos poliamorosos, que coexistem com os modelos heteronormativos, como Bong, Crepaldi e Moré (2008, p. 253) apontam:

Os sistemas familiares, assim como os sistemas sociais, deixam de ser concebidos como estruturas mecânicas coisificadas e passam a ser compreendidos como sistemas intersubjetivos compostos por agentes conscientes, intencionais que se co-criam a si mesmos e a seu entorno em uma permanente interação comunicativa e construção de significados.

O interesse clínico dos pesquisadores em avaliar as relações conjugais existe há mais de oito décadas, sendo a primeira avaliação de que se tem registro, empreendida por Terman e colaboradores, em 1938. Nessa época, ainda não havia uma compreensão da conjugalidade como um fenômeno complexo, permeado por variáveis contextuais, relacionais e individuais. O objetivo desses pesquisadores era simplesmente verificar se as características de personalidade dos cônjuges se mostravam associadas ao nível de satisfação em seu relacionamento, por meio de uma única pergunta: “*O quão feliz é seu relacionamento como casal?*”. Na época, este estudo revelou apenas a concepção individualista predominante, que considerava o casamento como o resultado da combinação das características individuais e com a satisfação pessoal dos membros do casal, não revelando aspectos de conjugalidade.

Em 1970, começam a surgir instrumentos para observar as diferentes dimensões que compunham a esfera da satisfação conjugal, como o DAS - Dyadic Adjustment Scale, que é utilizado até hoje para avaliar quatro dimensões relacionais: a satisfação diádica, o consenso diádico, a coesão diádica e a expressão de afeto. O ajustamento diádico é definido na DAS como um processo composto pelos eventos, circunstâncias e interações que movem o casal ao longo de um constante ajustamento. O resultado desse processo seria definido pelo grau de problemas e diferenças entre a díade, pelas tensões interpessoais e ansiedade pessoal, pelo consenso em assuntos importantes e pela satisfação e coesão diádica. Notam-se, nessa definição, uma menor ênfase nos aspectos subjetivos da relação e um maior foco nos processos que ocorrem entre o casal, sinalizando uma mudança de rumo na avaliação e no estudo sobre a conjugalidade.

No mesmo sentido, também na década de 1970, popularizaram-se as técnicas de observação como uma importante estratégia para a avaliação conjugal. Esses métodos tinham como base a observação das interações que aconteciam entre o casal, que muitas vezes eram analisadas junto ao relato dos cônjuges. Dessa forma, o advento dos métodos de observação tornou possível diminuir a subjetividade das avaliações, combinar métodos quantitativos e

qualitativos e, ainda, considerar o contexto das interações analisadas. Mas, mesmo assim, Villa (2005, p.15) ressalta:

Além da inexistência de um consenso na conceitualização do termo satisfação conjugal, há também divergências e diversidades nos estudos com relação a aspectos envolvidos na determinação da satisfação conjugal. Sabe-se que muitos fatores influenciam na satisfação conjugal, porém não há uma sistematização destes em torno de uma determinação.

Atualmente, reconhece-se a importância de combinar diferentes métodos de avaliação para alcançar resultados mais precisos sobre a realidade dos casais.

Além de instrumentos mais complexos e multidimensionais, surgiram recursos tecnológicos que possibilitaram agregar dados coletados em áudio, vídeo e medidas fisiológicas à avaliação dos casais. Assim, diferentes dimensões da vida conjugal podem ser avaliadas em conjunto, de acordo com as teorias utilizadas como base para a compreensão da dinâmica conjugal.

Conforme os estudos sobre a conjugalidade amadureciam, outras teorias foram propostas para explicar as relações conjugais. O trabalho de Thibaut e Kelley (1959) sobre grupos, por exemplo, deu origem a duas teorias de natureza interacional aplicadas às relações de casal: a Teoria das Trocas Sociais e a Teoria Comportamental.

A Teoria das Trocas Sociais considera que as pessoas buscam aumentar os benefícios e diminuir os desgastes do relacionamento. Assim, relacionamentos satisfatórios seriam aqueles em que os benefícios, como o apoio mútuo e a segurança emocional e financeira, e as barreiras para deixar o relacionamento, como a pressão social, seriam maiores do que as dificuldades da relação e alternativas fora do relacionamento. E sugere que as pessoas avaliem constantemente as vantagens de manter um relacionamento em comparação com as recompensas de formar novas relações ou de não se envolverem em relações sociais específicas.

Uma extensão dessa teoria foi proposta por Caryl Rusbult, em *“Match ou Mismatch: Modelo de Investimento de Rusbult no Trabalho e Relações Amorosas”* (1980), em que a interdependência entre o casal não seria explicada apenas pela satisfação vivenciada no relacionamento e pela presença/qualidade de alternativas fora da relação conjugal. Outros aspectos derivados e associados ao relacionamento, como, por exemplo, os filhos, a sensação de identidade e o sentimento de compromisso com o parceiro, também explicariam a interdependência e, conseqüentemente, a estabilidade do casamento.

Já a Teoria Comportamental, não está focada na comparação entre custos e benefícios, mas sim em trocas comportamentais específicas, como a resolução dos conflitos. Além dos comportamentos em si, a percepção que um dos cônjuges tem a partir do comportamento do outro, e as atribuições feitas a esses comportamentos, poderia modelar as percepções que o casal tem sobre a relação conjugal.

Outra teoria que busca explicar a conjugalidade com foco primordialmente individual é a Teoria do Apego, uma aplicação da Teoria de Bolwby aos relacionamentos românticos adultos, em que os relacionamentos adultos refletiriam os estilos de apego desenvolvidos em relação aos cuidadores na infância. Dessa forma, adultos que estabeleceram relações seguras e afetuosas na família de origem teriam maior probabilidade de repetir esse modelo em sua relação conjugal.

Dessa forma, a partir de quase todas as teorias, o que caracterizaria um relacionamento saudável seria o empenho dos cônjuges em fortalecer aquilo que beneficia o casal e cada um dos seus membros. Em contrapartida, nas relações conflituosas, os parceiros buscariam usar um ao outro para atingir objetivos individuais.

2. A CRIATIVIDADE NA PSICANÁLISE DE WINNICOTT

Um dos referenciais teóricos utilizados nesta dissertação foi Winnicott, a partir dos seus estudos sobre o brincar na clínica psicológica. Desta forma, uma breve apresentação da sua biografia se faz necessária.

Donald Woods Winnicott nasceu em Plymouth, Devon, na Inglaterra, em 7 de abril de 1896, filho de Elizabeth Martha (Woods) Winnicott e do Sr. John Frederick Winnicott. A família dele era descrita como uma feliz, mesmo Winnicott considerando sua mãe opressora e depressiva, tinha na figura de seu pai, um modelo de livre pensador e empreendedor que encorajava sua criatividade. O lar dos Winnicott era grande e movimentado, com muita atividade, havia espaço para todos na grande casa e no jardim. Não faltava dinheiro. Das três crianças da família, Donald era o único menino, e as irmãs eram mais velhas que ele. Não há dúvida de que os pais de Winnicott eram o centro da vida dos filhos.

Winnicott foi um renomado pediatra e psicanalista britânico do século XX, conhecido por suas contribuições significativas para a teoria e prática psicanalítica, especialmente no campo do desenvolvimento infantil. Nascido em 1896, em Plymouth, Inglaterra, Winnicott cresceu em uma época de grandes mudanças sociais e científicas, que moldaram sua visão sobre a infância e o desenvolvimento humano.

Winnicott nasceu em uma família de classe média e desde cedo demonstrou interesse pela medicina. Ele estudou medicina na Universidade de Cambridge e, posteriormente, na Escola de Medicina de Londres. Sua formação como pediatra teve um impacto profundo em sua compreensão da relação entre mãe e filho, influenciando grandemente seu trabalho futuro na psicanálise.

Durante sua carreira como pediatra, Winnicott trabalhou em diversos hospitais infantis, onde teve a oportunidade de observar de perto o desenvolvimento emocional das crianças. Essas experiências clínicas foram fundamentais para sua compreensão da importância do ambiente familiar na formação da identidade infantil.

No início da década de 1930, Winnicott começou a se interessar pela psicanálise e iniciou sua própria análise com James Strachey, um dos principais discípulos de Sigmund Freud. Essa experiência foi crucial para sua transição da pediatria para a psicanálise e marcou o início de uma carreira prolífica como psicanalista.

Winnicott é mais conhecido por seus conceitos inovadores, como o "objeto transicional" e o "espaço potencial", que revolucionaram a compreensão do desenvolvimento infantil na psicanálise. O conceito de objeto transicional refere-se a um objeto, como um cobertor ou um brinquedo, que a criança usa para transitar entre o mundo interno e externo, enquanto o espaço potencial é o ambiente emocional seguro e facilitador oferecido pelos cuidadores, no qual a criança pode explorar e desenvolver sua identidade.

Além disso, o autor fez importantes contribuições à teoria do amadurecimento emocional, destacando a importância da continuidade do cuidado materno para o desenvolvimento saudável da criança. Ele enfatizou a

ideia de que a mãe suficientemente boa, isto é, aquela que é capaz de atender às necessidades emocionais básicas da criança, é essencial para o estabelecimento de um senso de identidade e segurança.

A influência de Winnicott na psicanálise e na psicologia infantil é inegável. Seus escritos continuam a ser estudados e debatidos por acadêmicos e profissionais da área, e suas ideias têm sido aplicadas em diversas abordagens terapêuticas. Sua ênfase na importância do ambiente familiar e no papel dos cuidadores na formação da identidade infantil ressoa até os dias de hoje, influenciando práticas clínicas e políticas de saúde infantil em todo o mundo.

Donald Woods Winnicott faleceu em 1971, deixando um legado duradouro que continua a inspirar e informar aqueles que buscam compreender o complexo processo de desenvolvimento humano. Sua vida e obras permanecem como testemunho de sua dedicação à compreensão e ao cuidado das crianças e suas famílias, entre vários conceitos desenvolvidos por ele, nesta dissertação o foco foi o brincar simbólico.

O brincar simbólico refere-se a uma ação que pode ser analisada a partir da organização e da construção de significados, na forma de linguagem escrita ou gráfica a partir de desenhos. Esses significados mostram que os indivíduos podem organizar suas experiências do mundo, da vida e dos conflitos, através da utilização de elementos produzidos pela cultura ao longo do tempo, explicando que o brincar é algo além de imaginar e desejar, brincar é o fazer. “É brincando e somente brincando que o indivíduo, criança ou adulto, é capaz de ser criativo e usar completamente sua personalidade” (WINNICOTT, 1997, p.80).

Na prática psicoterapêutica Winnicottiana observa-se também o brincar espontâneo, criativo e interativo do paciente com o terapeuta, para estabelecer um contato efetivo e verdadeiro, buscando compreender o “outro” e, assim, estimular a criatividade na elaboração dos conflitos.

É importante que o analista recorde a cada instante não somente o que deve a Freud, senão também o que devemos a esta coisa natural e universal que chamamos ‘brincar’ e somente nela a criança (ou o adulto) estará em condições de ser criativa. (WINNICOTT, 1971, p.87)

Para Winnicott (1971, p.95), o brincar remete-se à relação mãe-bebê, em que, inicialmente, para o bebê, não há diferenciação entre ele e a mãe, alimentando sua fantasia do controle mágico e onipotência, com troca afetiva, sem utilizar da linguagem verbal. Sendo assim, a mãe é então, “suficientemente boa”, que ao brincar com seu bebê, se une a ele. A partir deste entendimento, o brincar se caracteriza como uma alternativa de acesso ao inconsciente que permite a percepção e a compreensão do mundo, através de regras e de habilidades físicas e cognitivas, expressando sentimentos através da linguagem simbólica, pois torna possível expressar pela brincadeira, a realidade externa. Então, instrumentalizando o atendimento infantil tem-se a “caixa lúdica”, com material não verbal, repleto de representações inconscientes, simbolizando o mundo interno da criança, utilizada para observar como ela se relaciona e aprende sobre suas experiências.

O lugar em que a experiência cultural se localiza está no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente... o uso desse espaço é determinado pelas experiências de vida que se efetuam nos estádios primitivos de sua existência. (WINNICOTT, 1975, p.139.)

Pode-se então perceber que uma das maiores contribuições de Winnicott para o setting terapêutico está na criação do espaço de “brincar”, com espontaneidade e criatividade, que permita que o paciente, independentemente da idade, brinque através das histórias, mitos e lendas, compartilhadas pelo terapeuta, que facilitam este brincar adulto, propiciando um maior contato com seu inconsciente (HISADA, 2007).

Ao enunciar minha tese, como muitas vezes aconteceu, descubro que ela é muito simples e poucas palavras se tornam necessárias para abranger o assunto. A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é desenvolvido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que ele não é capaz de brincar para um estado em que o é. (WINNICOTT, 1971, p.63.).

A teoria winnicottiana, busca, principalmente, compreender o trabalho psíquico paciente-terapeuta pelo vínculo, ressaltando que o amadurecimento emocional saudável do sujeito está ligado à sua autenticidade e capacidade criativa de transformar os conflitos em elaborações positivas. Mas, apesar de propagar a ideia de que é no brincar que o indivíduo cria para facilitar seu desenvolvimento, é fato que exista a dificuldade de implementar este lúdico para os pacientes adultos, uma vez que eles apresentam maior resistência ao processo terapêutico, ou para aqueles que não experienciaram o lúdico na infância. Neste momento, uma proposta seria apresentar uma história relacionada às suas fantasias, angústias e defesas, como um objeto intermediário entre paciente-terapeuta, preconizando que, nem sempre a comunicação acontece através da linguagem e das palavras, com as angústias retidas no inconsciente, no primitivo.

As histórias, contos e mitos trazem personagens imaginários que “conversam” com o inconsciente, tornando consciente a representação de suas angústias. Semelhante ao que acontece na análise dos sonhos, onde, segundo Freud (1900), os processos latentes podem ser observados através das imagens, numa estrada real que leva ao inconsciente, ou como o brincar de uma criança que externaliza seu inconsciente. Desta forma, o recurso das histórias, contos e mitos, como forma de intervenção, não representa necessariamente como um instrumento invasivo, uma vez que se articula com o inconsciente, favorecendo a comunicação lúdica. Como exemplo de recurso já utilizado pela autora em trabalho anterior, *Ânima e Ânimus na perspectiva dos mitos Eros e*

*Psichè e Narciso e Eco*¹⁸, a leitura de um mito pode permitir que o paciente apreenda de forma lúdica, aquilo que necessita de acordo com seus recursos internos, proporcionando uma elaboração criativa de seus conflitos, a partir de soluções apresentadas pelos personagens.

Assim, a utilização da criatividade como a possibilidade de experimentar o que se cria, como um recurso, principalmente quando o indivíduo se sente fragilizado e necessita de uma referência de apoio, um aprendizado que demonstre que existe uma “saída” para a problemática. A partir desta constatação surge a ideia de utilizar o recurso do desenho, com objetos consoladores e de dupla representação: objetos simbólicos escolhidos para a representação de “eu” e da “mãe”, do “cuidador”, e do “ambiente”, “suficientemente bons”, que possam representar um vínculo simultâneo daquilo que está dentro e fora do psiquismo dos sujeitos.

Na representação do ambiente, é possível considerar o *Setting Terapêutico*¹⁹ como *Espaço Potencial*²⁰, onde o mundo interno se sobrepõe ao externo, clareando conteúdos conflituosos no espaço neutro da terapia de casal. A partir disso, é possível pensar que o casal pode revelar, por meio do desenho, seu potencial real e suas fantasias, utilizando a criatividade ao brincar com esses conteúdos internos e externos.

Essa criatividade tem raízes no desenvolvimento emocional primitivo, então, a utilização deste potencial criativo no desenho para a ressignificação dos conflitos na terapia de casal, pode trabalhar o desenho do casal como objeto transicional que ilustra as situações difíceis dos cônjuges, colocando a criatividade como objetivo central, criadora e criativa na utilização deste recurso.

Winnicott (1975) explica através dos seus estudos sobre o brincar, quando observou a evolução dos fenômenos transicionais do brincar para o “brincar compartilhado”. Nestes termos o brincar, que se aplica tanto para a criança quanto para o adulto, é compartilhado, e, portanto, pode ser aplicado a casais ou grupos, uma vez que representa a experiência de viver, na relação com o mundo e com o outro.

Mas é fato que Winnicott observava e escrevia sobre sua teoria a partir da prática daquilo que observava, e ele mesmo afirmava que boa parte do que escrevia era resultado de sua experiência clínica e da sua observação no atendimento de seus pacientes. Mas ele não era só prática, Winnicott era um pesquisador, que de forma brilhante, conseguiu discorrer sobre a articulação do brincar com a criatividade em diferentes cenários e fases da vida:

É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem na sua liberdade de criação. É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo

¹⁸ Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia

¹⁹ Setting Terapêutico é o espaço que se oferece sigilo, segurança e acolhimento onde será realizada a terapia ou uma intervenção psicológica.

²⁰ Espaço Potencial para Winnicott (1975) é uma área de repouso do ser humano, o playground necessário para que ele possa lidar com a realidade externa e também com a realidade interna.

criativo que o indivíduo descobre o eu (self). O brincar implica confiança e criar é o mesmo que brincar: a utilização da personalidade integral para descobrir o eu (self). Eu sou “eu mesmo” quando me sinto criativo e quando executo um gesto criativo [...] A experiência é a de um estado não-intencional (WINNICOTT, 1975, p.80).

Partindo desses estudos, observa-se que a criatividade participa das conquistas do desenvolvimento das pessoas, estabelecendo uma relação verdadeira com o mundo, pautada nos parâmetros da realidade e do processo de constituição do sentimento de dar valor à vida e que vale a pena viver.

Quando alguém se apaixona, descobre sua criatividade: se deixa levar pelo clima de brincadeira porque se coloca no estado primordial de abertura, em que nem tudo está definido ou integrado, mas que o capacita a entrar neste mundo novo para promover o estado não-intencional que permite que novas realidades se apresentem e que a criatividade se manifeste. O que é espontâneo é o gesto! O gesto é o germe de algo novo e constitui um produto criativo, que promove o estado de relaxamento do ego, o estado não integrado do self.

Assim, o potencial criativo está na base do desenvolvimento humano, em todos os avanços individuais e coletivos da história humana. No entanto, a capacidade criativa necessita ser desenvolvida e a cada um cabe a tarefa de estimular o seu desenvolvimento, afinal, a criatividade é uma ação inerente ao estar vivo, que expressa a capacidade mais requintada que o ser humano desenvolve e utiliza também para o gerenciamento de conflitos.

Tudo que constitui a realidade humana advém da capacidade humana criativa, tudo que participa do mundo humano, de modo material ou intangível, é obra da criatividade humana. Tudo que evidencia a capacidade produtiva e a evolução de um indivíduo é derivado de seu potencial criador. Enfim, o que é humano deriva do potencial criativo de que são dotadas todas as pessoas.

Então, refletindo sobre a importância do lúdico para Winnicott e conseqüentemente para a psicanálise, com sua representação através de um instrumento expressivo como o desenho, percebe-se que, assim como acontece na análise dos sonhos, o uso desses elementos simbólicos, favorecem a manifestação do inconsciente, com a apresentação de figuras aparentemente insignificantes, mas que facilitam o reconhecimento de conteúdos (desejos e conflitos) despercebidos. Sendo assim, a psicanálise propõe a leitura do desenho a partir do seu processo de formação, ou seja, a partir da folha em branco, seguida de um ponto ou um traço à lápis, sugerindo o princípio de um “diálogo” entre o casal e entre terapeuta e o paciente. O desenho, desta forma, se torna um instrumento da psicanálise, e colabora com a ideia inicial do objetivo deste trabalho, para pensar na criatividade utilizada como algo capaz de promover melhorias na conjugalidade dos casais.

Uma forma de exemplificar isso parte da ideia de Freud (1908/1980) quando aponta que a criatividade tem como uma de suas fontes o brincar infantil. A criança ao brincar, cria um mundo de fantasia que é levado muito a sério e no qual investe muita emoção, sem confundir realidade com fantasia, fonte

geradora de prazer a partir destas experiências. São atividades que elas levam a sério, uma vez que desfrutam de liberdade para vivenciar suas fantasias. Ler um livro, ver um filme ou observar uma brincadeira ou desenho infantil satisfaz nosso anseio por vivenciar esta experiência de exploração do mundo dos sentimentos e nos mostra como é possível brincar com as fantasias, sem perder o contato com a realidade ou enlouquecer, muito pelo contrário, elas permitem crescer e enriquecer-se com tais experiências.

O que a psicanálise oferece à criatividade? Freud inconscientemente compreendeu o processo que não estava apenas no coração da criatividade, mas era o próprio processo criativo – um processo que envolve duas pessoas no qual apenas uma, de modo isolado, havia estado antes. Narrando seus dias, seus sonhos, suas associações, os analisandos criam a si próprios na presença do analista. Eles podem tentar “figurar” a si mesmos, mas o processo associativo finalmente rompe essas figuras e os analisandos afirmam-se, a partir das linhas quebradas, das harmonias discordantes, e das criações psíquicas. (BOLLAS, 2010, p.198)

Desta forma, ao interpretar desenhos pode-se observar os significados dos símbolos derivados da psicanálise, do folclore, do estudos dos sonhos, dos mitos e das fantasias.

Pesquisas no campo da psicanálise são importantíssimas para identificar as possibilidades simbólicas desencadeadas pelos desenhos usados como estímulos projetivos e na elaboração e validação das técnicas projetivas, uma vez que essas pesquisas estimulam a produção de hipóteses, para entender e verificar como os sujeitos se utilizam desses instrumentos.

É importante considerar toda produção gráfica como um trabalho do inconsciente, um trabalho de inscrição do desejo em composição com a censura da resistência que este desejo desperta e, a partir desta transação mútua, surge o desenho final. As produções gráficas ainda trazem a vantagem de permitir que o observador acompanhe o que se constrói diante dele e os movimentos do sujeito em relação aos resultados de suas produções e à presença do observador.

A interpretação deste processo dinâmico pode dar resposta à algumas questões. Como é tratada a folha de papel? Que relações a pessoa estabelece com a folha como espaço e como a usa? É possível detectar variações destas características ao longo da produção gráfica do sujeito e como articulá-las ao tema do desenho ou ao traçado ou mesmo à relação com o psicólogo.

Há um ambiente-folha no qual o paciente vai, através de seu lápis, se colocar (Van Kolck, 1984) e a forma como o sujeito a utiliza poderá revelar a forma como se coloca no mundo. Estas questões visam investigar como é feita esta abordagem ao ambiente, usando o instrumento (lápis) do qual dispõe. Hammer (1991) coloca que estes aspectos expressivos traduzem as atitudes básicas do indivíduo em relação a si mesmo e ao ambiente assim como a forma como lida com seus impulsos.

Vários autores como Hammer (1991) e Rodolfo (1992) falam também de uma escritura que se revela por detrás de nossos traços no papel ou traços corporais. O que nos fornece esta escritura no desenho são estes aspectos estruturais do desenho: tamanho; pressão e qualidade da linha; posição na folha; precisão e grau de completude do desenho; detalhamento; simetria; proporções; perspectiva; sombreamentos; reforços; correções e retoques.

Segundo Duarte (2009), o lúdico para a psicanálise, é equivalente à linguagem verbal que revela e esconde, e, nesse sentido, essa atividade é semelhante ao discurso, pois o desenho não é uma “coisa” de fato, mas sua representação. Através do desenho, por exemplo, pode-se acessar a subjetividade dos sujeitos, que aponta aspectos de seu desenvolvimento psíquico.

De acordo com Sarmiento (2011), os desenhos são uma das formas mais importantes de expressão simbólica, mas não são simples representações da realidade externa. Nos gestos que os caracterizam, eles carregam a forma da compreensão do mundo – expressão que, em duplo sentido, permite a “incorporação” pela da realidade externa e de “aprisionamento” do mundo pelo ato de inscrição – associados a diferentes faixas etárias e diversidade cultural.

Para o psicólogo, o compromisso está em acolher e buscar encontrar um sentido, juntamente com o paciente. Como nos sonhos, as imagens às vezes são condensadas, distorcidas e aparentemente incoerentes, mas adquirem significado a partir de uma escuta e da construção do sujeito. Diante disso, “(...) o desenho apresenta-se ao psicanalista como uma espécie de linguagem cifrada, a ser decifrada por uma certa postura de observação; o grande enigma está em como desenvolver os processos de decifração” (SOUZA, 2011, p. 209).

A escolha de uma técnica de desenho como instrumento deste mestrado, justifica-se pelo fato de o desenho ser comunicativo, porque suas imagens são evocativas e referenciais de diferentes maneiras, por vezes, muito mais do que as palavras faladas podem significar. Esses desenhos, ou símbolos agem como engates, os quais o inconsciente usa para alcançar o caminho consciente e se disfarçam como uma forma de expressão.

É importante ressaltar que o sujeito que desenha não realiza a codificação intencionalmente. Isso se dá com o auxílio do terapeuta, e juntos decifrarão o que esta imagem tem a dizer e como isso poderá ser efetivamente dito e falado.

Pesquisas sobre técnicas projetivas com estudos de validação e de padronização são importantes para comprovar cientificamente as qualidades psicométricas dos instrumentos, identificando características próprias de várias patologias ou grupos clínicos, no entanto o uso clínico destes instrumentos exige uma compreensão mais ampla que aquela alcançada pelas pesquisas de traços ou categorias, exigindo de o clínico considerar a produção projetiva como um todo e na singularidade de cada sujeito.

É fato que o conhecimento clínico e teórico da psicanálise contribui para o ensino das técnicas de avaliação da personalidade a partir de desenhos. No entanto, a análise das produções projetivas gráficas, valiosa ferramenta dentro do processo psicodiagnóstico, quando feita apenas baseada nos manuais de interpretação dos testes, sem utilizar o raciocínio clínico do psicólogo que integra

as informações obtidas e tendo como pano de fundo um conhecimento teórico sobre o desenvolvimento e a personalidade, incorre num risco de resultar em interpretações estereotipadas, perdendo seu caráter de possibilidade de comunicação, que pode contribuir para mapear as várias dimensões presentes na construção da subjetividade do paciente.

Neste trabalho de pesquisa, a estudo sobre a utilização do desenho como instrumento terapêutico da terapia de casal pretende, então, trabalhar com a base de um psicodiagnóstico dos fatores que levam os sujeitos aos conflitos relacionais. O desenho, nesta perspectiva, não será considerado como um teste, mas sim, como uma forma de diálogo que produz uma ideia, que invoca a produção de um sentido, que se traduz pela comunicação posterior a este processo, ou seja, através do desenho, pode-se alcançar o resultado de um trabalho psíquico e de que qualquer busca de sentido, a ser inserido em um diálogo, como preconiza Mannoni (1981).

Os testes são para mim apenas um meio e não um fim. Utilizo-os num diálogo, durante o qual procuro apurar um sentido, um sentido, sem dúvida, em função de certo esquema familiar. E é, pois, ao discurso do sujeito que vou prender-me sobretudo (MANNONI, 1981, p. 84)

Complementando esta afirmativa, Sigal (2000), explica que diagnosticar é interpretar e construir hipóteses que permitam dar conta do trabalho simbólico junto aos conflitos que se estruturam no caminho da construção da subjetividade, assim como abordar as formações imaginárias que se apresentam como armadilhas do desejo para a sua satisfação.

Já Diatkine (2007) alerta que o sentido atribuído às produções artísticas provém do fato de que os afetos, em busca de representações ou ligações, se articulam com elementos da trama do discurso do paciente, e podem ser percebidos como indícios de uma construção de um objeto de conhecimento. É a partir de sua elaboração interpretativa que este indício pode ser transformado em signo e como tal um elemento de comunicação emitido para que o casal o receba como elemento falado.

Portanto, para a psicanálise, a produção de imagens é uma forma de comunicação de afetos que, a partir daquele que a produz, estimula aquele que as observa a entrar em contato com elas, como uma espécie de linguagem. Desta forma, o sonho, o desenho ou o jogo apresentam-se ao psicanalista como uma espécie de linguagem cifrada, a ser de-cifrada através da observação.

Grassano de Piccolo (1974) e Grassano (1977) apresentam trabalhos na área diagnóstica, e tentam demonstrar como os principais mecanismos de defesa podem aparecer nas produções gráficas. Grande parte das características levantadas pela autora se referem a aspectos como: organização gestáltica do desenho (organização, coerência, harmonia), perspectiva (como forma de expressão do tempo), preenchimento dos espaços na folha, limites dos desenhos, tipo de traçado, distância, proximidade ou separação entre os personagens, tamanho, reforçamentos, detalhamentos ou retoques; mostrando

a riqueza do trabalho com estes elementos expressivos do desenho. A autora também apresenta algumas características do conteúdo dos desenhos, mas este é um excelente exemplo de um raciocínio clínico sobre as características estruturais dos desenhos como reveladoras de um modo de se organizar frente aos impulsos.

A ideia desenvolvida nesta pesquisa destaca a importância dos elementos criativos e expressivos na análise das produções gráficas dos casais e o cuidado na utilização dos aspectos simbólicos do desenho para a elaboração do raciocínio clínico do profissional. Desta forma, a utilização da fundamentação psicanalítica permitiu pensar a produção gráfica como resultado de um trabalho psíquico que, tal como o sonho, pode dar acesso a aspectos importantes da personalidade dos sujeitos. Considerar os desenhos como um todo, como destaca Silva (2008), muito mais do que como mera somatória de sinais ou características, contribui para valorizar a utilização das técnicas projetivas gráficas dentro do processo psicodiagnóstico.

Então, para a Winnicott, a criatividade pode ser pensada como a capacidade que o indivíduo tem para lidar e se adaptar aos diferentes contextos que a vida apresenta. Para esta pesquisa, a proposta da utilização da criatividade visa compreender os processos relacionais e construir um novo sentido, através da arte da representação gráfica, para os conflitos do casal, produzindo narrativas mais assertivas para a conjugalidade.

A arte é um método de abrir áreas da sensibilidade, mais do que mera ilustração de um objeto. Uma pintura deveria ser a recriação de um evento, mais do que a ilustração de um objeto; mas não há tensão na pintura a menos que haja conflito com o objeto. (BACON, 1953, p. 620).

A criatividade utilizada na confecção e interpretação do desenho visa ampliar as formas de lidar com os problemas, convidando o casal a sair do “lugar comum”, construindo um novo espaço e “lugar” de diálogo, desconstruindo, assim, as “zonas de confronto” criadas pelas discussões e situações não resolvidas na interação do casal.

A linguagem lúdica do desenho assume, assim, um formato menos ameaçador que favorece a produção de soluções mais criativas e construtoras de novas realidades.

Neste cenário, a criatividade aplicada ao desenho também favorece uma linguagem que proporciona a imagem de possibilidades e não apenas a escuta do problema ou do conflito. Sendo assim, o casal percebe que o desenho estará a serviço de contar a história do problema, bem como de abrir possibilidade para resolvê-lo, como ressalta Anderson (2009).

Então, a prática do desenho na terapia de casal transforma o momento da sessão num contexto participativo, capaz de gerar novos significados que estimulam a interação tanto do casal quanto do terapeuta, uma vez que o desenho conecta e revela intenções subtendidas no diálogo verbal. Aquilo que não se consegue dizer frente à interação conjugal, se transforma num elemento

que favorece o surgimento de sofrimento mental. Uma conversa descontraída, “protegida” por argumentos lúdicos, transforma os conteúdos conflitantes que não foram ditos, em temas que facilitam o casal a solucionar de forma verbal, com certa criatividade, e maior aproximação afetiva, as questões geradoras de dificuldades no diálogo.

O desenho, desta forma, pode promover uma conversa que antes estava inviabilizada pela tensão. Ele vai representar uma alternativa de desfazer a postura cristalizada e as imagens ameaçadoras do conflito, possibilitando um diálogo criativo e até metafórico do problema em questão.

3. DISCUSSÃO

Frente a explanação dos conceitos de família e conjugalidade, vinculados aos estudos psicanalíticos de Winnicott acerca da criatividade dos instrumentos lúdicos, esta discussão vai se basear no saber psicanalítico que determina que, o progresso do conhecimento não se relaciona com uma ideia de rigidez.

O pensar a partir do método clínico da psicanálise, necessita de flexibilidade, e de maleabilidade teórica e conceitual (Bianco, 2003), baseado no caminho traçado por Freud que caracterizava a psicanálise como um lugar de construção do saber, onde tratamento e investigação coincidem. Essa construção advinda da prática clínica, deriva dos casos clínicos e da prática psicanalítica, transformando a psicanálise em um método de pesquisa.

O método psicanalítico no contexto acadêmico traz a prática clínica como uma ferramenta de investigação, apontando para a importância da transferência como fator que promove a pesquisa. Ou seja, A pesquisa se inicia por meio da transferência, uma vez que ela coloca “o psicanalista num lugar muito específico que é o lugar de um não-saber a respeito de um enigma” (Berlinck, 2002, p. 3).

Assim, a pesquisa realizada neste mestrado ocorreu de forma a considerar o lugar, a experiência acadêmica e de vida da pesquisadora na investigação, e na escrita do estudo para desenvolver uma narrativa que parte de sua prática clínica.

Frente a esta alternativa de discussão, a autora escreve o casamento como um espaço de desenvolvimento das individualidades, delimitando o processo de evolução entre os parceiros (Gomes; Paiva, 2003), com momentos de tensão e conflito. Também na definição de Féres-Carneiro (1998), o casal contemporâneo surge como duas pessoas que são confrontadas por forças paradoxais, a partir da tensão entre a individualidade e conjugalidade. Para a autora, o desafio de um casal reside fundamentalmente no fato de o casamento, ou a união, ser um palco no qual devem se entrelaçar as individualidades de cada membro, na construção de um local em comum, o que ela define como conjugalidade.

Por este viés, a conjugalidade, então, resulta no modelo único que cada par cria, denominado "absoluto do casal". Este conceito que determina os limites do casal, ou seja, concebe o casal como um elemento composto por duas pessoas e o seu modelo único (Caillé, 1991) de se relacionar. Ainda segundo Féres-Carneiro (1998), este conceito recebe o nome de Identidade Conjugal, que na literatura específica é intitulado Conjugalidade.

A partir do material coletado, estas constatações e definições demonstraram a necessidade do desenvolvimento de estudos qualitativos sobre as estratégias de resolução de conflitos, uma vez que a qualidade do relacionamento conjugal é resultante de fatores complexos e subjetivos.

Além disso, é notória a necessidade de se pesquisar buscando resultados obtidos a partir da amostra populacional brasileira devido à escassez de publicações locais mais atualizadas, tornando pouco relevante para a definição dos programas de intervenção conjugal, os estudos descritos anteriormente,

uma vez que esses se baseiam, em sua grande maioria, no contexto da Europa e dos Estados Unidos (Mosmann; Falcke, 2011).

Ademais, é importante salientar que, a satisfação e a estabilidade das relações conjugais, não refletem um relacionamento sem conflitos, e sim, que a adaptação à vida conjugal é resultante das estratégias que o casal utiliza para resolvê-los, e que, segundo Mosmann e Falcke (2011), é necessário ter em vista a dimensão de conflito como inerente à conjugalidade. Ou seja, compreender a relação entre a qualidade da vida conjugal e as estratégias de resolução de conflitos.

Os motivos que levam os casais a entrar em conflito são inúmeros, e, geralmente, os embates mais acirrados acontecem nos dias em que eles vivenciam problemas cotidianos fora da esfera conjugal, como os relativos à profissão, finanças, demandas múltiplas e simultâneas, e doenças crônicas. Aliados a estas questões estão as dificuldades conjugais que o casal já enfrenta no decorrer da união, como a infidelidade, diferenças no desejo sexual, a educação dos filhos, entre outros. Portanto se faz de suma importância o reconhecimento dos motivos mais frequentes que desencadeiam esses conflitos, para estabelecer as estratégias mais eficazes no enfrentamento das situações mais conflitantes, evitando assim, que os padrões de conflitos se transformem numa série de problemas de saúde física e mental dos cônjuges e de seus filhos (Gerard; Krishnakumar; Buheler, 2007), inclusive predizendo o futuro envolvimento em relacionamentos violentos.

Casais envolvidos em casamentos mais satisfatórios e que desfrutam de maior intimidade comumente vivenciam um senso de conforto e bem-estar no relacionamento que reforça suas habilidades de reinterpretar positivamente comportamentos de transgressão. Essa intimidade facilita o processo de comunicação com o parceiro em conflito, resultando, em última instância, no perdão e na reparação em relação aos agravos (McCullough, Worthington Junior, & Rachal, 1997).

Também é importante salientar que os resultados eventualmente obtidos com uma amostra populacional brasileira também representam uma extrema relevância para a definição dos programas de intervenção conjugal, tendo em vista que a maioria dos resultados encontrados nesta pesquisa, baseiam-se, geralmente, em realidades contextuais europeias e norte-americanas (Mosmann & Falcke, 2011).

Avaliar os fenômenos da conjugalidade, geralmente, constitui o primeiro passo para compreendê-la, para explicar sua dinâmica e para planejar uma intervenção. Assim, a avaliação da conjugalidade é um dos aspectos essenciais no atendimento de casais nos mais diversos âmbitos. Pois trata-se de um processo que, tanto os terapeutas de casal quanto outros profissionais que trabalham famílias e indivíduos, precisam conhecer, uma vez que as relações conjugais constituem a base da maioria das famílias e estão presentes na vida da maior parte das pessoas adultas.

No imaginário social, evoca-se a ideia do casal como um par associado por vínculos afetivos e sexuais de base estável, com um forte compromisso de apoio recíproco, e com o objetivo de formar uma nova família incluindo, se

possível, filhos. A relação conjugal dá-se, portanto, dentro de um contexto sócio-histórico e também familiar no qual o indivíduo, ao se socializar, internaliza pautas de ações psicossociais complexas. Tais pautas dizem respeito tanto a aspectos do processo de socialização primária quanto a processos secundários. Desta forma, a relação conjugal tem início com a criação de um território comum, no qual começam a ser compartilhadas experiências que produzem pautas de interação social significativas para o casal, relativizadas pela experiência de construção psicossocial de cada indivíduo. O aspecto de formação da conjugalidade deve ser visto, então, como contínuo e de âmbito social e comunitário, e não meramente envolvendo as fases iniciais de engajamento amoroso, pois são os padrões de relacionamento que mantêm a conjugalidade e sua qualidade ao longo do tempo, permitindo que resista às diversas circunstâncias, às mudanças previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida (Féres-Carneiro, 2003; McGoldrick, 1989/1995; Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006), e que perpassam seus padrões de comportamento aos filhos.

Por outro lado, a dissolução da conjugalidade é abordada, na perspectiva familiar, como um processo no qual os padrões de manutenção da relação são modificados, até o momento em que a relação não pode ser mais definida, pelos cônjuges, ou pelo menos por um deles, como uma relação conjugal. Assim, a ruptura conjugal pode ser catastrófica, no sentido de que o passar do estado no qual os indivíduos são cônjuges, para o estado no qual não mais se definem assim, é abrupto e descontínuo. Esta mudança envolve um longo e doloroso processo que pode durar muitos anos (Féres-Carneiro, 2003).

A necessidade, no início do século XX, de fundamentar as intervenções terapêuticas foi a principal motivação para a realização desta pesquisa, pois o uso de intervenções baseadas em pouco mais do que bom senso tornava a prática de atendimento a casais precária (Gurman & Fraenkel, 2002). Pode-se balizar o desenvolvimento dos estudos sobre a conjugalidade no surgimento de diferentes metodologias de pesquisa, refletindo mudanças tanto na concepção teórica da conjugalidade, como no desenvolvimento de técnicas de investigação (Broderick & Schrader, 1991; Gottman & Notarius, 2002).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível, então, discernir vários momentos deste estudo sobre a conjugalidade, tanto pela pergunta que orienta essa pesquisa, como pelo contexto teórico e a metodologia empregada. Os achados, comprovam a hipótese desta pesquisa, no sentido de que os recursos criativos auxiliam a atuação psicólogo e facilitam a comunicação e a solução de conflitos de um casal, através das abordagens apresentadas. Além disso, as pesquisas trazem como pressuposição de que os fenômenos sociais, como o casamento, seriam resultado dos efeitos das características individuais combinadas. Portanto os questionamentos aqui sugeridos, concluem que estes estudos levaram à descoberta de fenômenos que reforçam que, em casamentos felizes, os traços da personalidade, na descrição do parceiro, tendem a ser realçados e valorizados, enquanto nos casamentos infelizes tendem a ser avaliados como prejudiciais e negativamente notados (Gottman & Notarius, 2002). Desta forma, não eram os traços de personalidade que estariam relacionados com a satisfação conjugal, mas a percepção do parceiro pelo cônjuge.

A utilização de recursos lúdicos também foi comprovada como elementos que promovem a interação do casal, e também sugere que, muitos casais com dificuldades eram muito competentes na comunicação e negociação de soluções de conflito, mas que simplesmente não o faziam nas situações conjugais. Uma das mais importantes conclusões do estudo de Raush e cols. (1974) era de que, quando a interação era observada, a distinção na qual as mulheres seriam mais expressivas e os homens mais instrumentais em seu estilo relacional, simplesmente, não se sustentava. Mulheres eram altamente instrumentais e homens usavam de sua expressividade, ou seja, as diferenças de gênero não eram tão claras. Tannen (1990) e Ariés (1976), ao tratar das diferenças de linguagem entre homens e mulheres, no local de trabalho, nunca sustentaram que a predominância do estilo instrumental para os homens e do estilo expressivo para as mulheres, ocorreria também nas famílias e nas interações conjugais. Para Gottman e Notarius (2002), a linguagem das mulheres durante um conflito conjugal tende a ser forte, assertiva, persuasiva, dura e definitiva, questionando a qualidade da relação conjugal. Pesquisas norte-americanas indicam que as mulheres começam ao redor de 80% das discussões conjugais e, normalmente, não são reticentes quanto à apresentação do problema, a suas consequências ou a como gostariam de vê-lo solucionado (Ball, Cowan, & Cowan, 1995). No Brasil, Féres-Carneiro (2003, 2008), dentre outros, também descreve este padrão.

Desta forma, importante ressaltar que esta revisão bibliográfica realizada, não deixou de considerar aspectos significativos da dinâmica conjugal, dentre os quais, a construção de significados.

Além disso, observou-se que ao adotar como critério para o levantamento dos dados da pesquisa os eixos satisfação/insatisfação e estabilidade/instabilidade conjugal, outros relevantes temas relacionados à conjugalidade também foram abordados.

É notório que os estudos interacionais trazem importantes contribuições para a clínica de casais, ao sugerir direções e intervenções. Contudo, em um nível global, o que parece ser necessário é aumentar o afeto positivo e reduzir o negativo nos conflitos conjugais. Dessa forma, pode-se criar um padrão de afetos positivos estabilizadores como objetivo primário. Segundo as pesquisas revistas, este é o padrão básico, por meio do qual os casais podem regular o conflito e, sem ele, em uma discussão, o casal entrará em um padrão de escalada de retaliações negativas. Assim, é possível reduzir o grau de reciprocidade de afeto negativo, implementando-se mais técnicas de reparação através da melhora na comunicação, que pode ser obtida através da prática do recurso lúdico do desenho, substituindo padrões de expressão de desprezo por padrões de admiração e afeto.

Quanto aos aspectos interacionais, estes podem também ser trabalhados, levando os casais a responderem à raiva construtivamente, incrementando as conexões emocionais e auxiliando-os a entender e valorizar o significado dos objetivos e sonhos dos parceiros.

Um posicionamento teórico-clínico que considere todos estes estudos se faz necessário, possibilitando um leque de opções mais amplo nas intervenções terapêuticas, pois a arte e a ciência da terapia de casal repousam na capacidade que o terapeuta possui de identificar a dinâmica conjugal e de ser capaz de interagir no sentido de promover a saúde emocional dos cônjuges. O estudo da conjugalidade, ao focar a dinâmica interacional, pode contribuir para o desenvolvimento de teorias e práticas clínicas mais contextualizadas e fundamentadas.

Os resultados indicaram ainda a relação negativa entre satisfação conjugal e estresse, bem como a redução da satisfação conjugal em casais com filhos e em coabitação.

Além dos impactos que a satisfação no relacionamento oferecem para o casal, observa-se também que o nível de satisfação com o relacionamento conjugal reverbera positiva ou negativamente na saúde mental dos filhos (Mosmann, Costa, Silva, & Luz, 2018), de modo que os conflitos conjugais podem prejudicar o relacionamento entre pais e filhos (Christopher, Umemura, Mann, Jacobvitz, & Hazen, 2015) e acarretar prejuízos para o desenvolvimento infantil, podendo influenciar no comportamento dos filhos (Boas, Dessen, & Melchiori, 2010). Assim, a adequada gestão dos conflitos conjugais mostra-se importante para o desenvolvimento saudável da prole, visto que a habilidade de resolver conflitos conjugais se reflete no exercício da parentalidade e do gerenciamento dos problemas com as crianças (Mosmann et al., 2018).

Frente à complexidade dos fatores que circunscrevem a conjugalidade, investigar o que está associado ao "ser feliz a dois" torna-se importante (Rosado e Wagner, 2015), uma vez que os estudos revelam que o relacionamento conjugal está positivamente associado à saúde e à qualidade de vida, principalmente nos anos de maturidade e velhice.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. KNOBEL, M. (1981). **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1981

ANDERSON, H. (2009). **Conversação, linguagem e possibilidades: um enfoque pós-moderno da terapia**. (M. G. Armando, Trad.). São Paulo: Roca. (Obra original publicada em 1970)

ANTON, C. I. **A escolha do cônjuge. Motivações inconscientes**. Porto Alegre, Sagra, 1991.

ARIÈS, Philippe (1978). **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar.

AYUB, R. C. P.; MACEDO, M. M. K. **A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, n. Psicol. cienc. prof., 2011 31(3), p. 582–601, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pcp/a/J4RPYmZXgYf5HCCKp6SBfcQ/abstract/?lang=pt#>

BACON, F. (1953). **Catalogue**. London: Tate Gallery.

BAROLO, I. F.; Goldschlager, N.; Glusman, M. E.; Said, A. S. (2001) **Vínculos familiares y realidad social. Interjuego dialectico**. Flapag. Retirado em 04/03/2022.

BAUMANN, Z. (2004). **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar.

BERGER, P.; Kellner, H. (1970). **Marriage and the construction of reality**. Em P. H. Dreiazel. (Org.), *Recent sociology*, New York: The Mac Millow Company.

BERLINCK, M. T. (2002). **Considerações sobre a formulação de um projeto de pesquisa em psicanálise**. In Berlinck, M. T. (Org.). *Psicopatologia*

Fundamental. São Paulo: Escuta. Recuperado em 10 novembro 2010, do http://www.uff.br/labpsifundamental/biblioteca_biblio.htm

BIANCO, A. C. Lo (2003). **Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise**. Psico-USF, 8(2), 115-123, dez.

BOLLAS, Christopher. **Criatividade e psicanálise**. J. psicanal., São Paulo, v. 43, n. 78, p. 193-209, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352010000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 dezembro 2023.

BOSSARD, J. H. S.; BOLL, E. S. (1950), **Ritual in Family Living – A Contemporary Study**, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

BOWLBY, J. (1984). **Apego e perda**. São Paulo: Martins Fontes.

BRADT, J. O. (1995). **Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. As mudanças no ciclo de vida familiar** (pp. 206-221). Porto Alegre: Artes Médicas.

BUCHER, Júlia S. N. F. (1999). **O casal e a família sob novas formas de interação**. In Féres-Carneiro, T. Casal e família: entre a tradição e a transformação (pp. 82- 95). Rio de Janeiro: Nau.

BUENO, E. F. & Prado, J. S. (1989). **Educação emocional: a arte de unir-se**. São Paulo: Cortez.

CAILLÉ, P. (1991). Um e um são três: **O casal se auto-revela**. São Paulo: Sumus.

CARSTENSEN, L. L., GOTTMAN, J. M.; LEVENSON, R. W. (1995). **Emotional behavior in long-term marriage**. Psychology and Aging, 10(1), 140–149. <https://doi.org/10.1037/0882-7974.10.1.140>.

CARTER, B.; McGoldrich, M. (1995). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

CARVALHO, M. C. Brant. (org.) (2000). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez.

CASTRO, M. G. K; STÜRMER, A.; ALBORNOZA, A. C. G. [et al.]. **Crianças e adolescentes em psicoterapia**. 1. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHRISTENSEN, A.; Eldridge, K. A. (2009). **Demand-withdraw communication during couple conflict: A review and analysis**. In P. Noller; J. A. Feeney (Eds.), *Understanding marriage: Developments in the study of couple interaction* (pp. 289-322). Cambridge: Cambridge University Press.

COSTA, P. G., KATZ, G. **Dinâmica das relações conjugais** Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

COUTINHO, S. M. S.; MENANDRO, P. R. M. **Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: "Que seja terno enquanto dure"**. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 83-106, 2010.

DE ANDRADE, L. C. L; LANG, C. E. **A transferência na clínica psicanalítica de adolescentes**. *Estilos da Clínica*, v. 25, n. 2, p. 297-312, 2020.

DOS SANTOS, L. F; DOS SANTOS, M. A.; DE OLIVEIRA, E. A. **A escuta na psicoterapia de adolescentes: as diferentes vozes do silêncio**. SMAD, *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em português)*, v. 4, n. 2, p. 01-18, 2008.

DUARTE, I. P. **A comunicação na psicoterapia de crianças: o simbolismo no brincar e no desenho**. In: CASTRO, Maria da Graça Kern et al. *Crianças e adolescentes em psicoterapia*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 142-151.

ERIKSON, E. H. **Identity, youth and crisis**. New York: W. W. Norton & Company, 1968.

FÉRES-CARNEIRO, T.; DINIZ NETO, O. **Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 20, n. 46, p. 269–278, maio 2010.

FÉRES-CARNEIRO, T. (1998a). **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 11(2), 379-394.

_____. **Clínica da família e do casal: tendências da demanda contemporânea**. Interações, Estudo e Pesquisa em Psicologia, 6(3), 23-32

_____. **Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade**. Estudos de Psicologia, (2003). 8(3), 367-374.

_____. **EFE - entrevista familiar estruturada: um método clínico de avaliação das relações familiares**. São Paulo: Casa do Psicólogo. (2005)

FISHER, H. E. (1995). **Anatomia do amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio**. Rio de Janeiro: Eureka

FREUD, S., (1900) **A interpretação dos sonhos**. Vol. IV Obras Completas de Sigmund Freud edição standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROTA, A. M. M. C. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção**. Estud. pesquis. psicol., Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100013&lng=pt&nrm=iso>

FUNK, J. L.; ROGGE, R. D. (2007). **Testing the ruler with Item Response Theory: increasing precision of measurement for relationship satisfaction with the couples satisfaction index**. Journal of Family Psychology, 21(4), 572-583.

GARRITANO, E. J; SADALA, G. **O adolescente e a cultura do corpo: uma visão psicanalítica**. Polêmica, v. 9, n. 3, p. 56-64, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, I. C.; Paiva, M. L. S. C. (2003). **Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding?** *Psicologia em Estudo*, 8(número especial), 3-9.

GOTTMAN, J. M.; GOTTMAN, J. S. (2008). **Gottman method couple therapy**. In A. S. Gurman (Ed), *Clinical handbook of couple therapy* (pp. 138-166). New York: The Guilford Press

_____ (2018). **The science of couples and family therapy**. Behind the scenes at the love lab. New York: Norton.

GRAY, J. (1997). **Homens são de Marte, mulheres são de Vênus**. Rio de Janeiro: Rocco.

GUIMARÃES, M. (1999). **Adulterio e infidelidade virtual**. *Del Rey, Revista Jurídica*, 3(7), dez., 27.

_____ (2001). **A família na atualidade: de que família estamos falando?** Conferência proferida no III Encontro Gaúcho de Terapia Familiar, Porto Alegre, AGATEF.

HISADA, Sueli. **A Utilização de Histórias no Processo Psicoterápico – uma proposta winnicottiana**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2007.

IANKLEVICH, E. Planejamento. In: EIZIRIK, C. L.; AGUIAR, R. A.; SCHESTATSKY, S. S. (Org.). **Psicoterapia de orientação psicanalítica**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 206-218.

IMBER-BLACK, E (2000). **The new triangle - couples and technology**. In PAPP, Peggy *Couples on the fault line: new directions for therapists*. New York: Guilford.

JABLONSKI, B. (1998). **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir.

LAING, R. D. (1983). **A política da família**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes Editora.

LAWRENCE, E., Cohn, A. S.; Allen, S. H. (2022). **Acceptance and commitment therapy for couples**. Clinical handbook of couple therapy.

LEBOW, J. L., & Snyder, D. K. (2022). **Couple Therapy in the 21st Century**. Clinical Handbook of Couple Therapy.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1982). **As estruturas elementares do parentesco**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.

LEVISKY, A. L. **Adolescência: Reflexões psicanalíticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LUZ, A. B. **Fases da psicoterapia**. In: EIZIRIK, C. L.; AGUIAR, R. A.; SCHESTATSKY, S. S. (Org.). *Psicoterapia de orientação psicanalítica*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 254-267.

MATOS, L. P.; LEMGRUBER, K. P. **A adolescência sob a ótica psicanalítica: sobre o luto adolescente e de seus pais**. *Psicologia e Saúde em debate*, v. 2, n. 2, p. 124-145, 2017.

MELER, Irene (s. d.). **Familias en transición: nuevas estrategias terapéuticas**. Conferência proferida no X Congreso Argentino de Psicología.

MEZAN, R. (2003). **Adão e sua costela: busca da felicidade e crise atual do casamento**. In: p. B. Gomes et al. *Vínculos amorosos contemporâneos*. (p. 159-171). São Paulo: Callis.

MOUCHIROUD, C. e LUBART, T. (2002). **Social creativity: A cross-sectional study of 6-to 11-yearold children**. *Int. J. Behav. Develop.*, 26 (1), 60-69.

NADER, M. B. (2001). **Mulher: do destino biológico ao destino social**. Vitória: Edufes.

NASIO, J.D. **O silêncio na psicanálise**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2010.

NORGREN M.B.P., SOUZA R.M., KASLOW F., HAMMERSCHMIDT H., SHARLIN S.A. **Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível**. Estudos de Psicologia 2004; 9(3): 575-584.

PEREIRA, R. C. **Direito de família do século XXI**. Retirado em 04/03/2022. Disponível no Word WideWeb: <http://www.inteligenciajuridica/artigo1-olddez2000.html>

RUSBULT, C. E. (1980). **Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model**. Journal of Experimental Social Psychology, 16(2), 172-186. doi: 10.1016/0022-1031(80)90007-4 SARACENO, C. (2003). Sociologia da família. Lisboa: Estampa.

RUSBULT, C.; FARRELL, D. **A longitudinal test of the investment model: the impact on job satisfaction, job commitment, and turnover of variations in rewards, costs, alternatives, and investments**. Journal of Applied Psychology, n. 68, v. 3, p. 429-438, 1983.

RUSBULT, C.; JOHNSON, D.; MORROW, G. **Predicting satisfaction and commitment in adult romantic involvements: an assessment of the generalizability of the investment model**. Social Psychology Quarterly, n. 49, p. 81-90, 1986.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M A. **Relacionamentos afetivos na literatura científica: uma revisão integrativa sobre a noção de conjugalidade**. Psicol. Am. Lat., México, n. 19, 2010.

SCORSOLINI-COMIN F., Santos M.A. **Satisfação com a vida e satisfação diádica: correlações entre construtos de bem-estar**. Psico USF 2010; 15(2): 249-256. 2010

_____ **Ajustamento diádico e satisfação conjugal: correlações entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade.** *Psicologia: Reflexão e Crítica* 2011; 24(3): 439-447. 2011

_____ **Relações entre bem-estar subjetivo e satisfação conjugal na abordagem da Psicologia Positiva.** *Psicologia: Reflexão e Crítica* 2011; 24(4):658-665, 2011

_____ **Relacionamentos afetivos na literatura científica: uma revisão integrativa sobre a noção de conjugalidade.** *Psicol. Am. Lat.*, México, n. 19, 2010.

SARMENTO, M. **Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas.** Campinas, Autores Associados, 2011

SEI, M. B; OLIVEIRA, D. C.; BRAGA, C. M. L. **O jogo da escrita e a construção de estratégias para o atendimento psicanalítico de adolescentes.** *Encontro: revista de psicologia*, v. 17, n. 27, 2014.

SEVERINO, R. S. (1996). **Casais construindo seus caminhos: a terapia de casal e a família de origem.** In: L. C. Prado et al. *Famílias e terapeutas construindo caminhos.* (p. 71-96). Porto Alegre: Artes Médicas.

SOUZA, A. S. L. **O desenho como instrumento diagnóstico: reflexões a partir da psicanálise.** *Bol. psicol.*, São Paulo, v. 61, n. 135, p. 207-215, 2011

TERMAN, L. M., BUTTERWEISER, P., FERGUSON, L. W., JOHNSON, W. B., e WILSON, D. P. (1938). **Psychological factors in marital happiness,** Stanford University California.

THIBAUT, J. W.; KELLEY, H. H. (1959). **The Social Psychology of Groups,** New York. 1959.

VILLA, M.B. **Habilidades Sociais no casamento: avaliação e contribuição para a satisfação conjugal.** Tese (doutorado), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, Ribeirão Preto, 2005

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1971

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo.** 6.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1975.



UNIVERSIDADE
**CATÓLICA
DE SANTOS**

CLAUDIA CHRYSTINA KOZEMEKIN KATO CORDEIRO DA LUZ

Produto Técnico: **Cartilha digital norteadora para o atendimento do psicólogo na terapia de casal**, na categoria Tecnologia Social submetido e aprovado pela Banca Examinadora de defesa de Dissertação do Mestrado Profissional Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos. Material resultante como processo inovador da população pesquisada pela Dissertação: **Aspectos Psicológicos da Conjugalidade: a importância do lúdico como potencial criativo na terapia de casal**

Orientador: Prof. Dr. Helio Alves

Santos
2024



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
MESTRADO PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA
DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS**

CLAUDIA CHRYSTINA KOZEMEKIN KATO CORDEIRO DA LUZ

**PRODUTO TÉCNICO: CARTILHA DIGITAL NORTEADORA PARA O
ATENDIMENTO DO PSICÓLOGO NA TERAPIA DE CASAL**

SANTOS

2024

**PRODUTO TÉCNICO:
CARTILHA DIGITAL NORTEADORA PARA O ATENDIMENTO DO
PSICÓLOGO NA TERAPIA DE CASAL**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Helio Alves – Orientador
Orientador – Membro Nato - Universidade Católica de Santos

Prof.^a Dra. – Thalita Lacerda Nobre
Membro Titular - Universidade Católica de Santos

Prof. Dr. Alexander Marques da Silva
Membro Titular - Mitra Diocesana

LUZ, Cláudia Chrystina K.K.C. **Cartilha digital norteadora para o atendimento do psicólogo na terapia de casal**. 2024. Produto técnico como parte do processo de qualificação para obtenção do grau de Mestre por meio do Programa de Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos, Santos-SP, 2024.

RESUMO

Este produto técnico foi criado para auxiliar e nortear o olhar do profissional de psicologia para aspectos os conflituosos que devem ser trabalhados no atendimento da terapia de casal, em instituições públicas e privadas, com o objetivo de trabalhar a criatividade dos casais para melhorar a conjugalidade. Para isso, a cartilha propõe e conduz o profissional na utilização do Jogo do Rabisco de Winnicott (1994), para compreender a comunicação de seus pacientes através da criação e da interpretação dos desenhos desenvolvidos no espaço terapêutico. De aplicação simples e desenvolvimento intuitivo, o jogo consiste numa atividade na qual o sujeito é convidado a desenhar livremente em um pedaço de papel em branco, permitindo que o profissional analise o desenho final junto com o casal, resultando em informações importantes para desenvolvimento do processo terapêutico que busca melhores índices de satisfação conjugal.

Palavras-chave: Terapia de casal; Jogo do Rabisco; Cartilha; Espaço terapêutico; Processo terapêutico; Satisfação conjugal.

LUZ, Cláudia Chrystina K.K.C. 2024. **Cartilha digital norteadora para o atendimento do psicólogo na terapia de casal.** 2024. Technical product as part of the qualification process for obtaining a Master's degree through the Professional Master's Program in Psychology, Development and Public Policy at the Catholic University of Santos, Santos-SP, 2024.

ABSTRACT

This technical product was created to assist and guide the gaze of psychology professionals towards the conflicting aspects that must be addressed in couples therapy, in both public and private institutions, with the aim of work on couples' creativity to improve conjugality. To achieve this, the booklet proposes and guides the professional in using Winnicott's Squiggle Game (1994) to understand the communication of their patients through the creation and interpretation of drawings developed in the therapeutic space. With simple application and intuitive development, the game consists of an activity in which the individual is invited to freely draw on a piece of blank paper, allowing the professional to analyze the final drawing together with the couple, resulting in important information for the development of the therapeutic process aimed at achieving better levels of marital satisfaction.

Keywords: Couples therapy; Squiggle Game; Booklet; Therapeutic space; Therapeutic process; Marital satisfaction

SUMÁRIO

Introdução.....	59
Objetivo geral:	60
Objetivos específicos:.....	60
Plano de ação.....	61
Etapas do projeto:	63
Considerações Finais.....	64
Referências básicas do produto.....	65

Introdução

Este produto técnico é oferecido como resultado da dissertação de mestrado intitulado ***Aspectos Psicológicos da Conjugalidade: a importância do lúdico como potencial criativo na terapia de casal***, e visa instrumentalizar o profissional de psicologia no atendimento da psicoterapia de casal. A utilização do produto promove um trabalho psicoterapêutico para a compreensão da realidade conflituosa dos casais. Tal ideia partiu da intenção de se criar como produto um material didático e instrucional, ou seja, uma Cartilha. Desta forma, a partir da referência técnica para a produção de Cartilhas do Relatório de Produção Técnica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (ANO), do Ministério da Educação, que define o objetivo da cartilha, como sendo um material de caráter informativo/didático, a partir de uma pesquisa, que neste caso, se refere sobre a importância da terapia de casal no contexto do conflito relacional.

Esta ferramenta tem como objetivos principais a orientação ao profissional da psicologia, no atendimento aos casais, nas instituições públicas ou privadas, através da terapia de casal ou da terapia de grupo de casais, norteando o olhar deste profissional para os elementos que facilitam a discussão e a aplicação de técnicas de identificação dos recursos e aspectos conflitantes dos casais atendidos, a fim de manejar os instrumentos propostos neste trabalho.

Para instrumentalizar o atendimento do psicólogo, a cartilha utiliza como instrumento lúdico e criativo, Jogo do Rabisco (Winnicott, 1941). Esta escolha se justifica pelo fato de que Winnicott percebeu através de seus atendimentos com crianças, que os conteúdos verbalizados na sessão terapêutica são os mesmos conteúdos que causam tensão e bloqueios durante a sessão, porém, esse mesmo conteúdo trabalhado numa situação de jogo, evita as interpretações do inconsciente, e coloca a problemática em questão para discussão de forma mais gentil e com soluções mais criativas, que possibilitam o uso, o gesto, e o brincar. É importante ressaltar que Winnicott (1941) valorizava o brincar por sua possibilidade de colocar as coisas em trânsito, em movimento.

Este produto também visa o acolhimento, o respeito e a singularidade dos casais, a partir do princípio da equidade, como prerrogativas básicas para a aderência e pertinência aos programas propostos em instituições públicas ou privadas das comunidades, paróquias, clubes e escolas, em que os processos de saúde e de adoecimento dos casais se façam presentes, respeitando a linha de pesquisa do referencial teórico do trabalho, na Gestão e Práticas Psicológicas em Políticas Públicas de Saúde e Assistência Social.

Por fim, a ideia central também foi a de propor uma ferramenta que compartilhasse o conhecimento sobre a temática desta pesquisa com os profissionais de saúde em formação, possibilitando a escolha por este núcleo de atendimento, seja ele no âmbito institucional ou clínico, sendo utilizado também no âmbito educativo em ambientes que exijam uma aprendizagem específica, como cursos de graduação e especialização.

Objetivo geral

- Abordar a importância da terapia de casal no contexto familiar e social;
- Nortear o olhar do profissional de psicologia e da saúde mental para aspectos relativos ao atendimento na terapia de casal.

Objetivos específicos

- Utilizar o instrumento projetivo “Jogo do Rabisco”, como alternativa lúdica na terapia de casal;
- Viabilizar estudos sobre os constructos Terapia de Casal, para discutir e propor novas perspectivas de produção nesta área no Brasil.

Plano de ação

A primeira ideia que surge quando se pensa num plano de ação é a definição do público-alvo, ou seja, a quem este instrumento se destina. Este olhar mais atento pode acontecer a partir de um atendimento para triagem de pacientes interessados na psicoterapia individual ou de casal, através da entrevista inicial, e que, posteriormente, relata características de uma queixa familiar envolvendo o cônjuge ou a vida conjugal.

A proposta prevê oferecer este serviço nos equipamentos de saúde, como consultórios e ambulatórios públicos e privados. A partir dela é possível oferecer um treinamento para sua utilização em Clínicas Psicológicas que fazem atendimento aos casais nas Universidades, em centros comunitários, e para os grupos que trabalham com casais em comunidades específicas, como paróquias e consultórios.

Sobre a divulgação e a promoção do trabalho com este instrumento, acredita-se que pode ser realizada através da divulgação em folhetos e cartazes nos locais em que este público costuma frequentar, além de universidades e escolas, relatando a existência deste trabalho para o atendimento de casais, e destacando as possibilidades dos recursos que o trabalho do terapeuta de casal pode proporcionar na promoção do bem-estar emocional e na redução dos conflitos que resultam em maiores índices de violência doméstica.

Os casais interessados devem agendar um dia e um horário na recepção ou secretaria destes espaços, e, na data combinada, preencher uma ficha de cadastro. Após agendamento, serão recepcionados pelo psicólogo responsável que colherá, durante aproximadamente uma ou duas sessões as informações do casal numa ficha de anamnese, na qual constará a identificação básica do casal (nome, endereço, idade, profissão, tempo de casados) e principais queixas que gostariam de trabalhar.

Na sessão seguinte a esta etapa, a cartilha é apresentada ao casal que, junto com o profissional, inicia sua leitura.

Na primeira parte, a cartilha traz informações importantes sobre dados estatísticos do casamento, e do divórcio, além de alguns índices e estatísticas relativos à violência conjugal (Censo, 2022).

Na segunda parte da Cartilha, encontra-se a explicação sobre o recurso lúdico utilizado: O Jogo do Rabisco, de Donald Woods Winnicott (1941). Nela constará informações sobre o surgimento e a utilização deste jogo na terapia.

Em um trabalho intitulado O jogo do rabisco, uma aplicação da teoria do jogo de D.W. Winnicott, Lins (1990), alinhava uma série de ideias sobre o jogo do rabisco, ressaltando a importância do analista no atendimento para conseguir adaptar o meio, às necessidades do paciente. Além disso, cita que o psicólogo possibilita uma experiência de viver, mais criativa na solução dos conflitos, melhorando questões de saúde emocional, como a redução dos conflitos e da violência relacional, como afirmou Winnicott (1994), que ressaltava a importância da espontaneidade e criatividade do paciente, e não queria estabelecer uma técnica estereotipada do jogo, propondo, na verdade, que cada terapeuta “criasse”, a partir da sua experiência, seu próprio “jogo dos rabiscos”:

A vida de um indivíduo saudável se caracteriza mais por medos, sentimentos conflitantes, dúvidas, frustrações, do que por seus aspectos positivos. O essencial é que o homem ou a mulher sintam-se vivendo sua própria vida, responsabilizando-se por suas ações ou inações, sentindo-se capazes de atribuir a si o mérito de um sucesso ou a responsabilidade de um fracasso. Pode-se dizer, em suma, que o indivíduo saiu da dependência para entrar na independência ou autonomia. (WINNICOTT, 1994, p. 30).

A instrução do Jogo do Rabisco, tal como proposta por Winnicott é transcrita a seguir:

“Vamos jogar alguma coisa. Sei o que gostaria de jogar e vou lhe mostrar.” Há uma mesa entre a criança e eu, com papel e dois lápis. Primeiro apanho um pouco de papel e rasgo as folhas ao meio, dando a impressão de que o que estamos fazendo não é freneticamente importante, e então começo a explicar. Digo: “Este jogo que gosto de jogar não tem regras. Pego apenas o meu lápis e faço assim...” e provavelmente aperto os olhos e faço um rabisco às cegas. Prossigo com a explicação e digo: Mostre-me se se parece com alguma coisa a você ou se pode transformá-lo em algo; depois faça o mesmo comigo e verei se posso fazer algo com o seu rabisco (WINNICOTT, 1994, p. 232).

Seu funcionamento é quase intuitivo, e consiste numa atividade na qual o sujeito é convidado a desenhar livremente em um pedaço de papel em branco. Não há regras ou diretrizes específicas para o que o sujeito deve desenhar; o objetivo é permitir que ele se expresse de forma espontânea e criativa. O terapeuta pode observar atentamente o processo de desenho, procurando por padrões, temas recorrentes ou sinais de conflito emocional.

Ao observar os desenhos do casal, o terapeuta pode obter insights sobre o mundo interno do casal, como seus medos, desejos e preocupações. O desenho pode revelar ainda, aspectos inconscientes, fornecendo ao terapeuta informações importantes para orientar no processo terapêutico.

Ao coletar e interpretar o material gráfico produzido pelo paciente, o terapeuta entra em contato com aquilo que a pessoa nega ou resiste conscientemente, de forma lúdica e descontraída, fato que auxilia o profissional a identificar e minimizar as angústias que levam o casal aos conflitos e à um aumento nos índices de violência.

Etapas do projeto

As etapas deste projeto envolveram a pesquisa bibliográfica sobre a definição e elaboração de uma cartilha com material relativo ao atendimento a casais. Estes achados serviram de elemento norteador para uma referência inicial de atendimento.

No decorrer do trajeto acadêmico do Mestrado, vários elementos foram agregados à proposta inicial, como a utilização de instrumentos de pesquisa sobre a satisfação conjugal e técnicas de desenho que permitem a expressão de sentimentos e emoções de forma não verbal.

Desta forma, a ideia da cartilha visa analisar, esclarecer e divulgar possibilidades de atendimento, ações e esclarecimento sobre as alternativas de terapêutica que envolvem o acolhimento para as dificuldades vivenciadas no núcleo familiar. A leitura desses aspectos traduz a importância do desenvolvimento das propostas e da utilização da Cartilha, para aplicação de ações educativas e preventivas em torno da problemática da violência conjugal, envolvendo ensino e aprendizagem, ambos mediados pela comunicação.

Além disso, a cartilha servirá de pano de fundo para a promoção de reflexões, compartilhamento de emoções e reconhecimento das questões e dos fatores que visam uma efetividade na melhora do bem-estar e na qualidade de vida conjugal, fatores que impactam diretamente a família e a sociedade.

Para iniciar a utilização da cartilha, a recomendação inicial é a de que, através da leitura de dados relativos ao bem-estar nas relações, propõe-se algumas sugestões de estratégias terapêuticas que visam promover uma mudança de comportamento entre os cônjuges. Sem uma definição de objetivos, apenas a tentativa de uma simples “troca” do comportamento considerado inadequado pelo outro cônjuge, para promoção e desenvolvimento de novas habilidades de comunicação e conseqüentemente melhora na interação (Weiss, Bircher & Vincent, 1974).

É importante ressaltar que o foco estará sempre numa mudança comportamental que busca maior aceitação entre os cônjuges, evitando o debate ao redor de questões insolúveis, como define Gottman (2008).

O jogo do rabisco oferece diversos benefícios terapêuticos para quem joga, sendo a característica mais importante, o fato de permitir a expressão de sentimentos e emoções de forma não verbal. Além disso, essa atividade também pode ajudar a fortalecer a relação entre o casal e, entre o casal e o terapeuta, criando um ambiente seguro e acolhedor para a exploração emocional, sendo o recurso especialmente útil para os sujeitos com dificuldades em falar sobre seus problemas ou que não se sentem confortáveis em expressar suas emoções verbalmente.

Considerações finais

A criação de um produto técnico parte do desafio de proporcionar algum impacto a partir de uma pesquisa científica. Para Negret (2008), os Mestrados Profissionais (MP) articulam entre a universidade e a realidade social, através da produção e disseminação do conhecimento junto à sociedade. Sendo assim, é desta forma que as pesquisas ganham aplicabilidade a partir do cenário ao qual foram propostas. O autor ainda salienta que o produto técnico produzido pelo Mestrado Profissional revela importantes indicadores da necessidade de criação de novas pesquisas.

A utilização de recursos lúdicos/ criativos, se justifica na conclusão em que Winnicott (1984) chega pela escolha do Jogo do Rabisco no atendimento de seus pacientes. Tal movimento, se dá pelo fato de que, o rabisco é uma situação não acabada, sem forma. Ao fazer um rabisco a pessoa oferece ao outro uma forma inacabada, que pode referir-se ao não acontecido na sua história, que pode vir a ser uma solução. Tal como o autor considerava o ser humano: um ser de porvir e não acabado (em devir), que traz fraturas em sua história e anseia pela possibilidade de que tais fraturas encontrem trânsito na presença de alguém.

REFERÊNCIAS DO PRODUTO TÉCNICO

GOTTMAN, J. M. **Gottman method couple therapy**. In A. S. Gurman (Ed), Clinical handbook of couple therapy (pp. 138-166). New York: The Guilford Press. 2008

MAZZOLINI, Beatriz Pinheiro Machado. **Rabiscando para ser: do si mesmo para o papel**. Imaginario, São Paulo, v. 13, n. 14, p. 493-509, jun. 2007.

NEGRET, F. **A identidade e a importância dos mestrados profissionais no Brasil e algumas considerações para a sua avaliação**. RBPG, v. 5, n. 10, p. 141-149, 2008.

OUTEIRAL, J. **A consulta terapêutica e o jogo dos rabiscos let's play: uma bricolage**. CESPPMA- Grupo de Estudos de Psicopedagogia de Maceió - Artigo, Maceió, (fev) 2021

WEISS, R. L., BIRCHLER, G.R., VINCENT, J.P. (1974). **Contractual models for negotiation training in dyads**. Journal of Marriage and Family, 36, 321-330.

WINNICOTT, D. W. **Textos selecionados - da Pediatria à Psicanálise**: 139-164, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1941

_____. **O jogo do rabisco**. In: Winnicott, Claire. Et al. (Org.) Explorações psicanalíticas. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1994.